

# Tribuna da Luta Operária

ANO IV — Nº 99 — DE 13 A 19 DE DEZEMBRO DE 1982

Cr\$ 50,00

## Generais dizem que não largam o poder

### Greve total na Argentina faz ditadura estremecer

Noventa e sete por cento dos trabalhadores do país tomaram parte no colossal protesto contra o regime. Pág. 8

### Greve nacional dos professores desafia o MEC

O movimento nas universidades continua para vencer a arrogância da ministra. Pág. 5

Perante 132 oficiais generais das três Armas, Figueiredo reafirma o mau hábito de tratar a sucessão presidencial como assunto dos quartéis, e principalmente dele próprio, o gene-

ral-presidente. Isto quando a nação acaba de mostrar nas urnas que não quer o regime militar e exige, com força crescente, eleições diretas para a Presidência da República. Pág. 3



Figueiredo só trata da sucessão com seus parceiros de farda

#### EDITORIAL

### E o povo, sr. general?

Um general diz que a discussão sobre o novo presidente vai ser como e quando ele quiser. O outro acrescenta que o sucessor terá que preencher predicações, a critério das Forças Armadas, com base nos ideais da "revolução de 1964" — isto é, não pode ser de oposição.

Isto acontece 21 dias depois de uma eleição plebiscitária, onde o povo votou na mudança, votou no PMDB, contra o regime militar, e votou na corrente mais progressista representada pelos candidatos populares.

Derrotados, os generais em desatino rosnam ameaças, gritam ordens e declaram arrogantes que o monopólio do poder não pode de forma alguma sair de suas mãos. Pretendem resolver a sucessão presidencial nas salas do Alto Comando e ordenar a sua aprovação pelos submissos parlamentares do PDS — num desmoralizado colégio eleitoral onde, apesar de todas as manobras e trapanças, dos casuismos, do assassinato de opositores e da fraude eleitoral mais vergonhosa, o PDS, ficou apenas com uma insignificante maioria, o que acentua ainda mais a sua falta de legitimidade para a escolha de um presidente da República.

Fica mais uma vez evidente que o povo não pode esperar que os poderosos lhe concedam como dádiva o direito de eleger o presidente. E que também não pode depositar esperanças em conchavos de bastidores e apelos em favor de um "nome de consenso", como já pregam alguns. O povo, como já aconteceu em diversas ocasiões, terá que arrancar através de energéticas ações de massas o que lhe pertence e foi roubado pela tristemente famosa "revolução de 1964".

A tradição da República no Brasil é de eleição direta para a Presidência — e a partir de 1930 pelo sufrágio universal e secreto. Para concentrar o poder em suas mãos, os

generais suprimiram este direito dos brasileiros com o golpe de 1º de abril de 64, assim como suprimiram as eleições para governadores (reconquistadas este ano pelo povo) e para as prefeituras das capitais e municípios de "segurança nacional".

A reconquista da eleição direta em todos os níveis é uma aspiração generalizada. Todas as correntes opositoristas fazem esta reivindicação. E até certas correntes que apoiam o regime mostram certo descontentamento com esta restrição absurda. Existem condições concretas de um amplo movimento nacional para eleger o próximo presidente da República e impedir os planos continuistas defendidos pelo general Figueiredo e pelo ministro do Exército em nome das três Armas.

Toda eleição, desde 1964, tem sido aproveitada pelo povo para isolar e combater o regime. A eleição direta para os governos estaduais proporcionou a ocasião para uma fragorosa derrota do PDS em 15 de novembro, em plano nacional. A conquista do direito de eleger o presidente da República passou a representar hoje uma pedra de toque da luta democrática. Pode representar um golpe demolidor no regime militar, uma vez que esta aspiração coloca em xeque o monopólio do poder dos generais e é uma trincheira onde eles se encontram absolutamente isolados, e inclusive divididos internamente na sua defesa. Ainda mais depois do resultado da campanha eleitoral e do resultado das urnas em 15 de novembro.

A tarefa dos democratas conseqüentes e do proletariado em particular é consolidar a unidade política conseguida nesta campanha eleitoral. Exigir a eleição direta para a presidência da República — assim como para todas as prefeituras das capitais. E nesta luta acumular novas forças no sentido da liquidação do regime militar e da conquista da liberdade política.

### O plano do FMI para achatar os nossos salários

Missão americana ordena a Delfim e companhia que cortem fundo nos reajustes salariais. Pág. 8



Bóias-frias a caminho do trabalho: ninguém sabe se chegará com vida

### Sede de lucro mata mais 18 bóias-frias

O caminhão pegou fogo na estrada, perto de Rio Preto; 18 trabalhadores morreram queimados. Veja na página 5

### Matogrossenses exigem eleição sem roubalheira

Oposição denuncia eleitores com vários votos, menores e defuntos que votaram. E pede nova eleição. Pág. 4

### Tribunal militar mantém na prisão padres franceses

Camio e Gouriou vão recorrer. Eles querem ficar no país e provar sua inocência. Pág. 3

### Cantos escravos de trabalho e amor à liberdade

Um belo disco vindo do cativeiro. Pág. 7



### Continua no Rio novela da fraude eletrônica

Agora querem encobrir os culpados pela manipulação dos computadores na apuração dos votos fluminenses. Pág. 6

CDM

Centro de Documentação e Memória  
Clayton de Jesus Lima dos Santos  
Fundação Maúrcio Grabois



# Reagan volta à carga com plano agressivo MX

A Câmara dos Representantes dos EUA rejeitou na última terça-feira a verba de 1 bilhão de dólares para construir os cinco primeiros mísseis MX (mísseis experimentais) — chamados hipocritamente de “guardiões da paz” pelo presidente Reagan. Foi um revés para Reagan, mas o novo plano agressivo dos EUA voltará à carga, agora no Senado.

Por trás do nome pacifista, os mísseis MX representam na verdade um grande e perigoso passo do imperialismo norte-americano rumo à deflagração de uma nova guerra mundial, com consequências catastróficas para a humanidade.

O belicista chefe de governo dos Estados Unidos apresentou o projeto, em cadeia nacional de rádio e televisão, como uma forma de dissuadir os soviéticos de um possível ataque nuclear. Será verdade? Os fatos mostram outra coisa, embora a URSS de hoje se mostre tão agressiva quanto os EUA.

## 17 VEZES HIROSHIMA

Custando mais de 26 bilhões de dólares (um terço da dívida externa brasileira), o plano prevê a instalação de cem mísseis MX, com dez ogivas nucleares cada, em silos subterrâneos numa estreita faixa de terra. Por isso o projeto leva o nome de “Feixe Denso”. Cada uma das ogivas nucleares do MX pode ser apontada simultaneamente para alvos diferentes e tem uma capacidade destrutiva 17 vezes maior do que a bomba de Hiroshima.

Já em 1979 o presidente Carter foi forçado a recuar num projeto semelhante que pretendia montar um sistema subterrâneo de 200 mísseis MX ao longo de 4.600 abrigos, espalhados numa extensa

faixa de terra dos Estados de Utah e Nevada. Assim os soviéticos nunca poderiam destruir os MX em terra, pois não saberiam ao certo em que abrigo estariam os mísseis na hora do ataque. Porém falou mais alto a oposição ao projeto, em função dos seus graves prejuízos ecológicos e do seu alto custo — de 36 bilhões de dólares.

## UMA LÓGICA TENEBROSA

A lógica do projeto de Reagan é inversa — e totalmente questionável. Baseia-se num fator duvidoso, e ganhou o nome de “fratricídio”. Segundo este conceito, como os mísseis estariam concentrados, uns muito perto dos outros, a explosão do primeiro míssil soviético ao atingir a área liberaria tamanha radiação, calor e detritos que desviaria os demais mísseis soviéticos do alvo. Assim, os EUA continuariam em condições de lançar um ataque retaliatório depois, com o MX sobreviventes.

As falhas desta lógica tenebrosa são muitas e evidentes. A mesma radiação que desorientaria os mísseis soviéticos poderia inutilizar os MX americanos. Ao mesmo tempo, a URSS poderia lançar um ataque seletivo, com intervalos de vinte a 40 segundos, sobre cada silo, para evitar o fator “fratricídio”. Ou então poderia simplesmente lançar mísseis com um poder destrutivo menor, suficiente para inutilizar os MX mas não para desorientar os mísseis seguintes.

## NÃO DÁ PARA CONFIAR

Mas, se é assim, por que o governo Reagan teima em levar o projeto adiante? A resposta é uma só: os mísseis MX não respondem a uma lógica de defesa. Pretendem colocar os EUA em condições de lançar um ataque vitorioso contra a URSS e desencadear a guerra em condições de superioridade. Por isso o projeto coloca a humanidade à beira de uma hecatombe nuclear. Os soviéticos, que não deixam por menos, já anunciaram que vão desenvolver mísseis “não inferiores” aos MX. Por estas e outras é que os trabalhadores e os povos do mundo não podem ter ilusões quanto às intenções pacifistas das superpotências. A causa da paz no planeta, mais do que nunca, está em nossas mãos. (Luis Fernandes)



Tanques nas ruas de Bogotá, para garantir a tranquilidade do passeio do presidente ianque

# América Latina repudia a visita de Reagan

Após sair do Brasil, no último dia 3, o presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan foi recebido com várias manifestações de protesto na Colômbia e San José da Costa Rica, para onde se dirigiu.

Na Colômbia, já no dia anterior à chegada do presidente ianque ocorreram manifestações anti-imperialistas e enfrentamentos do povo com as forças armadas. A Universidade de Barranquilla chegou a ser fechada pelas tropas governistas, enquanto bonecos representando o presidente norte-americano eram queimados e veículos da polícia atacados.

Bogotá ficou praticamente sitiada pelas tropas do exército, para garantir a passagem de Ronald Reagan pela capital colombiana. Os soldados atacaram, com bombas de gás lacrimogênio, os manifestantes anti-imperialistas que foram às ruas protestar

contra a presença do visitante indesejado.

## LOCAIS ISOLADOS

Os locais por onde Reagan passou estavam totalmente isolados por um rigoroso esquema policial, que envolveu 16 mil soldados e agentes colombianos e norte-americanos. Mas quando o chefe imperialista foi, demagogicamente, depositar flores no monumento a Simón Bolívar — herói das lutas anti-colônias latino-americanas — nem o aparatoso esquema repressivo conseguiu impedir as manifestações populares.

Reagan e seu parceiro Belisário Betancur, chefe do governo colombiano, foram vaiados pelos populares, mantidos à distância pela polícia. Aos gritos de “Fora, fora”, e “Reagan assassino”, e ainda “yankee go home” (americano, vá embora), os manifestantes jogavam pedras em direção aos dois

governantes — o imperialista e o nativo.

Além da capital, houve protestos também em Medellín, Cali, Tunja, Duitama e Barranquilla, cidades colombianas onde foram queimadas bandeiras dos Estados Unidos.

## EMPURRAR PARA A GUERRA

Também na Costa Rica, onde foi a convite do presidente Alberto Monge, Reagan foi recebido com manifestações de protesto, convocadas pelas quatro principais organizações sindicais do país, que o acusaram de “empurrar os costarriquenhos a uma guerra com a Nicarágua”.

Já em Honduras, onde Reagan encontrou-se com o presidente Suazo Córdova e com o chefe do governo militar da Guatemala, general Rio Mont, a repressão generalizada impediu manifestações de massas contra o chefe imperialista.



Ocupação dos estaleiros de Lisnave, em Lisboa, em setembro deste ano

# Em Portugal, 5 milhões de grevistas em 1982

A ofensiva patronal em Portugal, para jogar sobre os trabalhadores as consequências da crise econômica, tem provocado em contrapartida um movimento grevista que já envolveu perto de 5 milhões de operários em 1982. Só em outubro foram 500 mil. Abaixo trechos de um artigo do jornal *Bandeira Vermelha*, do Partido Comunista (Reconstruído).

Se repararmos no sentido da evolução das greves desde janeiro de 1981 verificamos que o seu crescimento tem sido espetacular. Nenhum outro país europeu registrou (ou registra) tais dados.

Eis os resultados: em 1981 4,5 milhões de grevistas; em 1982 — 4,8 milhões de grevistas (meados de outubro).

O ano de 1982 é, todavia, marcado pela enorme quantidade de greves e atos reivindicativos de caráter político, entre eles duas greves gerais (12 de fevereiro e 11 de maio) voltadas para a luta contra o governo, atingindo mais de 2,5 milhões de grevistas.

Embora o movimento grevista, no seu conjunto, tenha um caráter econômico

defensivo (defesa do nível de vida, de regalias sociais e econômicas já alcançadas, etc), as greves operárias mais massivas e avançadas tiveram um caráter político ofensivo, caráter este obscurecido, contudo, por uma direção política inconsequente e burguesa da maioria reformista da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses (CGTP).

As ações de ocupação, as greves gerais, as greves unificadas, etc, todas elas conduzidas essencialmente pelo proletariado, mostram que a sua experiência cresceu. Temos pois de reconhecer que estamos numa nova fase do movimento grevista. Deu-nos tempo de retirar a principal conclusão: este movimento exige uma direção de classe; exige a pre-

paração das forças partidárias nas fábricas e empresas; necessita do reforço do estado-maior político comunista, capaz de lhe indicar com clareza as orientações precisas que lhe façam elevar a consciência política para ações revolucionárias de massas.

## DIREÇÃO REFORMISTA

Todas estas lutas têm um grande ponto fraco: a sua direção política. Os burocratas sindicais revisionistas e reformistas conduzem as lutas fundamentais do ponto de vista econômico e tudo fazem para evitar a sua politização. Todas as lutas parciais em desenvolvimento apontam o caminho da unificação, medida política necessária para as reforçar, as impulsionar mais para a frente e para confrontar politicamente o movimento operário com o governo. Unir a luta econômica com a luta política não é estreita, ao contrário alarga, demarca melhor o campo operário e fortalece o movimento grevista, enriquece o movimento com mais força às lutas seguintes.

## A Albânia socialista, tema de palestras

“A organização de uma Sociedade Socialista: o Exemplo Albanês” é o nome do ciclo de palestras que serão realizadas, de 13 a 16 de dezembro na Pontifícia Universidade Católica, numa promoção conjunta do Diretório Central dos Estudantes, Associação de Amizade Brasil-Albânia e jornal *Tribuna Operária*.

O temário consta de palestras sobre “Economia e Relações Exteriores” (dia 13), “Estrutura Social e Movimento Sindical” (14), “Cultura, Educação e Esporte” (15), “Juventude e Mulher” (16), sempre às 20 horas. Além das palestras, será realizada uma exposição de artesanato albanês e venda de livros referentes à construção do socialismo na Albânia.

# EUA querem soldados do Brasil no Líbano

O general Figueiredo poderá levar o Brasil a mais uma aventura guerreira, a exemplo do que já fez seu colega Castelo Branco quando enviou soldados à República Dominicana em 1965. O chefe imperialista norte-americano, Ronald Reagan, solicitou ao governo militar que envie tropas brasileiras ao Líbano.

O pedido foi feito por Reagan quando esteve visitando o Brasil, a convite do general Figueiredo. Pouco depois do pedido feito, o presidente imposto aos libaneses pelos norte-americanos e sionistas, Amin Gemayel formalizou o apelo, pois “não ficaria bem para o Líbano que os presidentes Reagan e Figueiredo decidissem, em Brasília, um envolvimento do Brasil em território do Líbano”, como comentou um diplomata.

A Israel e Estados Unidos interessariam a presença de 2 mil soldados brasileiros “garantindo a ordem” no Líbano. Em Beirute já se encontram 4.100 soldados norte-americanos, italianos e franceses, Grã-Bretanha, Bélgica

## 400 mil em greve em Israel

Israel parou nos dias 7 e 8 últimos: as escolas, empresas públicas, escritórios governamentais, transportes ferroviários, rádio e televisão não funcionaram, devido à greve de mais de 400 mil funcionários públicos, exigindo aumento salarial de 12% e reajuste mensal de 9,5%. A greve aprofundou a crise em que vive o governo de Menahem Begin.

A greve foi convocada pela central sindical Histadrut, depois de interrompidas as negociações salariais com o ministro da Fazenda, Yoram Aridor. Os trabalhadores querem

um aumento salarial que faça frente à inflação anual de 130% que aflige o país.

Pesa para os trabalhadores israelenses, contudo, a direção social-democrata da central sindical, ligada ao Partido Trabalhista de Israel. Seu vice-secretário-geral, Israel Keisar, nega veementemente qualquer caráter político à fabulosa greve geral realizada: “Nossa luta não é política”, disse o sindicalista social-democrata. “Queremos um acordo com o governo. No momento que o obtivermos, a greve será encerrada”, finalizou.

e Grécia também estudam pedidos de envio de tropas a esse país. Essas tropas teriam por missão expulsar sírios e palestinos do Líbano. E, por outro lado, abririam caminho para a retirada dos agressores sionistas do país.

Israel quer garantias para continuar saqueando os povos libaneses e palestinos. O governo de Begin está ven-

dendo casas pré-fabricadas aos desabrigados pela guerra, a preços que variam de Cr\$ 1 a Cr\$ 3,5 milhões a unidade. Ao mesmo tempo as exportações de frutas cítricas de Israel para o Líbano estão crescendo, bem como o número de turistas, da classe dominante libanesa, que vai visitar seus gendarmes em Jerusalém.



# Valtinho propõe que o povo diga como São Paulo deve ser

Com mais de 50 mil votos, o jovem médico e líder de movimentos de bairro Walter Feldman foi um dos vereadores mais bem votados de São Paulo — este município-gigante, com uma população maior que a de países inteiros, como a Áustria ou a Suécia. Em entrevista à imprensa, **Valtinho**, como é conhecido, falou de sua perspectiva de atuação como vereador popular.

**TO — Como você vê a nova composição da câmara Municipal?**

**W —** Em termos de composição, o PMDB tem quase maioria absoluta e o PDS apenas seis das 33 cadeiras. Estamos sentindo, através de várias reuniões de bancadas, que existe uma certa unidade de pensamento no PMDB, em torno de que a cidade atravessa um momento de virada, em que não dá para se ligar a cargos, privilégios, favores, como ocorria muito antes. Neste sentido, é um

patamar de unidade política na busca de um diagnóstico e de soluções para São Paulo.

Quanto aos outros partidos, a bancada do PTB nos dá a impressão de ser mais fisiológica, porém está se mostrando aberta para um diálogo, em termos de oposição. Vamos ver. A bancada do PT não é homogênea, nem definida — não decidiu nem sequer se terão alguma articulação com o PDS. Estamos na expectativa, para dialogar. Para nós, o importante é o isolamento político do PDS na Câmara.

**TO — Como você vê o seu papel? O que faz um vereador em São Paulo?**

**W —** Isto tem dois níveis. O Legislativo vai ter que reconstruir seu papel, dentro de uma visão democrática. E a impressão que temos é de que a administração Montoro está aberta, e até necessita disto. Mas o Legislativo não pode apenas ficar esperando. Deve se adiantar.

O segundo nível é o extra-parlamentar. Hoje precisamos de um novo parlamentar, o parlamentar de rua, que não se esconde atrás das mesas ou da tribuna, mas vai direto e constantemente

ao povo. Ele só vai ter bom rendimento legislativo se atuar assim. E é isto que a gente pretende ser.

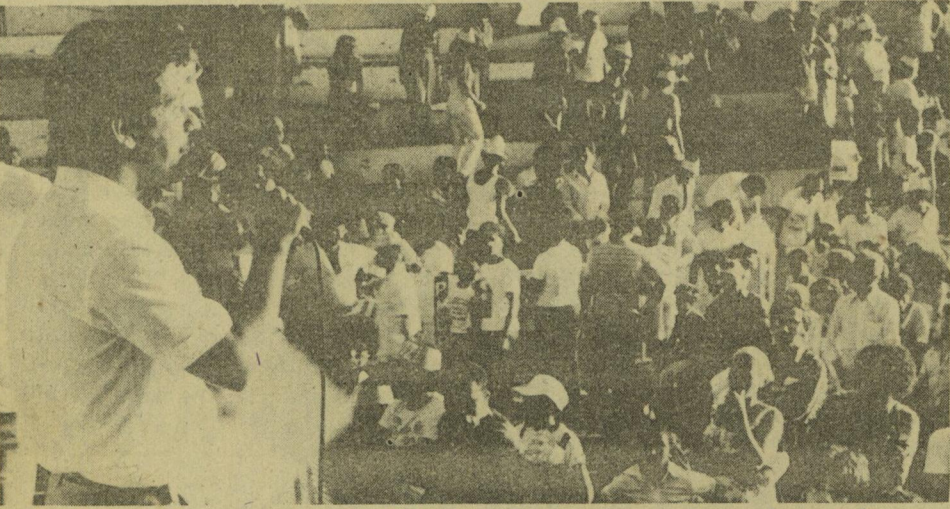
**TO — Você já tem propostas concretas a encaminhar como vereador?**

**W —** Tem muita coisa. Nossa campanha foi muito pobre, e além de pobre muito honesta. A gente não foi só buscar o voto, mas levar, com sinceridade, o nosso compromisso. E é claro que levamos e temos propostas.

O vereador não vai resolver os problemas de São Paulo. O diagnóstico é que a cidade está num estado de pré-falência. Transporte, saneamento, saúde, moradia, alimentação, abastecimento, educação — todos estes são problemas que os últimos governos agravaram. E o PDS deixou-nos além disto um orçamento para 1983 que é dois terços do que deveria ser.

Então, é preciso, primeiro, fazer o diagnóstico. E segundo criar os canais para a própria população escolher os rumos da solução, não num sentido basista, mas defendendo seus interesses. As associações de bairros, sindicatos e associações profissionais — todos devem participar da luta.

Na Região Administrativa de São Miguel, já convocamos representantes de várias entidades e tiramos com eles uma comissão. É para elaborar um documento, o "Anteprojeto de São Miguel", que será submetido a todas as entidades, para elas discutirem e trazerem propostas, até se chegar a um consenso. Ai, neste processo bem amplo, se indicaria um administrador regional que sairia comprometido com este projeto. E as entidades poderiam criar um tipo de coordenação política — como um foro mais avançado, não para assessorar, mas para reivindicar de forma independente em relação ao governo. Pensamos em levar esta mesma proposta de São Miguel para a Penha, Itaquera, para todas as 13 Administrações Regionais.



O jovem vereador, em campanha, fala aos dirigentes de associações de moradores

# Votos operários de Manaus decidiram pleito no Amazonas

Não é difícil saber porque os operários de Manaus garantiram a eleição de um governador e uma maioria parlamentar do PMDB no Amazonas. Hoje eles produzem perucas, televisores e até video-cassetes, na Zona Franca. Mas não tomam leite, têm que importar tomate e laranja de São Paulo, e até cheiro verde, que vem do Ceará. Só podia dar oposição.

"O Amazonas passou a não produzir mais nada" — resume João Pedro, agrônomo, 27 anos e ex-diretor da UNE, eleito deputado estadual sobretudo pelos operários e estudantes de Manaus. "Até a juta, um produto amazônico, o governo pedessista do sr. José Lindoso importou, do Paquistão. E no setor de saúde, aumentou o índice de lepra, inclusive na capital".

**200 MIL PESSOAS NA RUA**  
Para João Pedro, tudo isso ajudou o PMDB a fazer o governador do Estado (Gilberto Mestrinho), cinco dos oito deputados federais, dez dos 14 estaduais e 13 dos 21 vereadores de Manaus. O PDS ganhou no interior, onde ficou com 48 das 56 Prefeituras amazonenses. Mas a vantagem situacionista entre os 200 mil eleitores do interior nem de longe cobriu a preferência pela oposição na capital, onde votaram 300 mil pessoas.

Numa eleição altamente polarizada, o PT e o PTB, que lançaram candidatos, não elegeiram um vereador sequer em todo o Estado. E Mestrinho terminou por assumir uma série de compromissos, como "não usar a polícia contra o povo", "colocar na

cadeia aqueles que roubaram" — e até convidou o povo a "tomar o Palácio do Rio Negro no dia 15 de março".

Isso gerou forte participação popular na campanha oposicionista, que culminou com uma gigantesca manifestação de cerca de 200 mil pessoas, para comemorar a vitória do PMDB. João Pedro, porém, enfatiza que as lutas e os interesses do povo exigem a constituição de uma corrente popular do PMDB, para terem expressão no Parlamento.

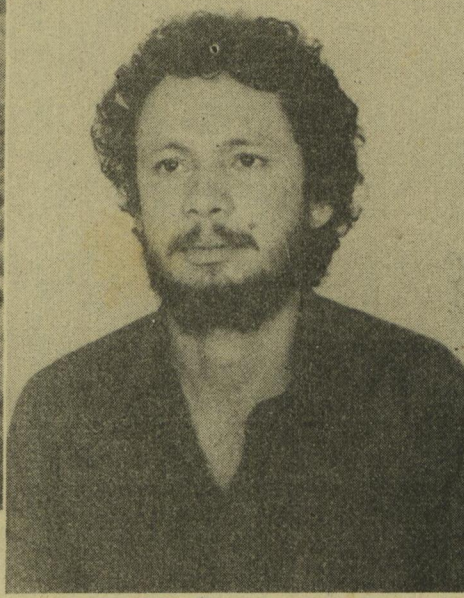
Entre os deputados federais amazonenses eleitos com base num compromisso sério com os movimentos populares, ele cita Mário Frota, ex-participante do grupo Autêntico do MDB e da Tendência Popular do PMDB, que obteve 30 mil votos — mais do que qualquer deputado do

PDS. Na Assembléia Legislativa, além do próprio João Pedro, salientam-se Félix Valois, Francisco Queirós, João Tomé. E na Câmara de Manaus, que teve 17 das suas 21 cadeiras renovadas, há condições de constituir um forte bloco popular com nomes como o de Lira, vereador eleito com base nos movimentos de bairro.

João Pedro acredita que estas candidaturas avançadas serviriam como alternativa, inclusive para militantes do PT que compreenderam a necessidade de somar forças contra o partido do governo. E cita casos como os da professora universitária Graça Barreto, que fez "boca de urna" em favor da sua candidatura, do advogado H. Dias e do professor Ademir, conhecido indigenista que prontificaram-se a ajudá-lo em seu mandato.



A classe operária da Zona Franca garantiu a vitória do PMDB e de candidatos populares como João Pedro (ao lado).



# Salário de deputado: Cr\$ 2,3 milhões

Repercutiu mal entre o povo a decisão tomada dia 3 no Congresso: aumentar em nada menos que 200% os vencimentos dos deputados federais e senadores, que passarão a ganhar 2,3 milhões de cruzeiros por mês, equivalentes a 97 salários-mínimos. E a imprensa governista aproveitou para jogar lama no Poder Legislativo, respingando as oposições.

"Foi uma coisa ruim, principalmente para a oposição — comenta o deputado federal Aurélio Peres, do PMDB paulista. — Ficou para o público como a atitude de alguém que legisla em causa própria. Por que não obedecer à mesma sistemática dos funcionários públicos?"

Aurélio está à vontade para tratar do assunto. Após quatro anos de mandato, continua gastando, para sustento de sua família, o equivalente ao que ganharia

nas suas funções de operário ferramenteiro, na metalúrgica Caló. Mora na mesma rua, de terra, na periferia da Zona Sul de São Paulo. E locomove-se no mesmo "fusquinha" de sempre. Todo o restante dos seus vencimentos vai impulsionar os movimentos populares e suas lutas.

**LEGISLATIVO TORPEDEADO**  
E ele faz questão de frisar, porém, que considera precárias as condições de trabalho de um deputado, embora ache que a solução não seria aumentar os vencimentos, mas criar melhores condições para a atividade legislativa. Ele argumenta com o pequeno número e os redutíveis salários dos funcionários: cada deputado federal tem um assistente, que ganha 104 mil cruzeiros mensais; um secretário de gabinete, com 60 mil; e um auxiliar de secretaria, com 40 mil mensais. Assim, tanto o sufoco econômico como o

alarde em torno dos vencimentos dos congressistas terminam favorecendo o mesmo objetivo do regime: torpedear o Poder Legislativo. E, dentro do Congresso, facilita a vida justamente dos representantes das classes exploradoras, que têm dinheiro "por fora" para gastar.

Na mesma linha da Câmara Federal, a Assembléia Legislativa de São Paulo aprovou dia 2, a criação de uma nova sessão ordinária por dia, engordando os vencimentos dos deputados estaduais para mais de 1,5 milhão por mês. O episódio terminou inclusive gerando celeuma dentro do PT, pois seu líder de bancada, Marco Aurélio Ribeiro, votou a favor da mudança. E os petistas terminaram em posição difícil, sem ter como responder aos protestos "das bases", surpreendidos com uma decisão tão pouco condizente com um partido que diz funcionar "de baixo para cima".

# Os generais gostam muito do poder. E querem ficar!

O general Figueiredo e o Ministro do Exército, general Valter Pires, vieram à público, no último dia 7, para declarar a intenção das Forças Armadas de continuarem nomeando o presidente da República. Os generais surdos à opinião popular, não pretendem respeitar a maioria de nove milhões de votos da oposição nas eleições de 15 de novembro.



Figueiredo não tolera "ação entre amigos". Dos outros.

Discursando perante 132 oficiais-generais, no almoço de fim de ano que lhe foi oferecido pelas Forças Armadas, o general Figueiredo advertiu que "o nome de meu sucessor será articulado no momento que me parecer mais indicado". Por um lado isto revela a atitude do ditador, que confunde o que lhe interessa com o que interessa ao país. Mas indica também que deve ter alguém fazendo articulações que não agradam à cúpula do Planalto. Isto fica ainda mais claro quando ele avisa: "Não permitirei que qualquer decisão possa transformar-se em uma simples ação entre amigos".

## "AÇÃO ENTRE AMIGOS"

Mas o esquema de sucessão atual é exatamente uma "ação entre amigos" da cúpula militar, que impõe um nome para ser aprovado docilmente pelo colégio eleitoral com as cartas marcadas. Neste sentido, a advertência por um lado é dirigida às forças democráticas que aspiram acabar com estas panelinhas e escolher o novo presidente em eleições diretas. E possivelmente também contra os descontentes do regime, por causa da derrota do PDS, que estejam promo-

vendo uma "ação entre amigos" por fora.

No mesmo tom arrogante do presidente, o general Valter Pires, ministro do Exército afirmou que as Forças Armadas vão evitar que o novo presidente "não tenha o respaldo, o passado e os predicados que o habilitem a conduzir os destinos da grande democracia, cujos pilares foram erguidos e serão mantidos pelos ideais da revolução de março de 1964".

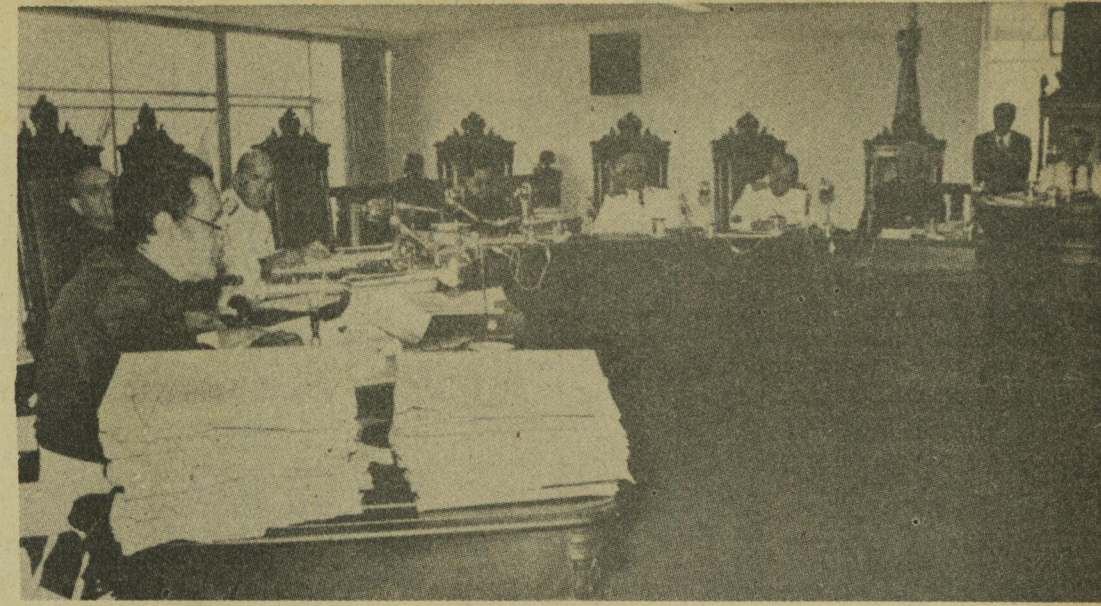
Este "respaldo" deve ser o das Forças Armadas; o "passado" deve ser o de servidor do regime militar; os "predicados" devem ser os mesmos dos presidentes anteriores: bem relacionados com o SNI e o DOI-CODI, submissos ao capital estrangeiro e prepotentes em relação ao povo.

Este é o esquema dominante até agora. Mas diante do plebiscito nacional de 15 de novembro, em que o regime foi condenado pelo voto popular, será que os brasileiros ainda vão permitir que as Forças Armadas continuem indefinidamente como tutores do país?

Na oposição também já se

manifestam os vacilantes que temem o avanço do movimento popular e pregam uma conciliação nacional. Aproveitando-se do resultado eleitoral desfavorável para o governo, esboça-se um movimento para escolher um "nome de consenso" para a presidência. Ou seja, um civil aceitável para os generais e também para a oposição burguesa. Não é por acaso que o vice-presidente Aureliano Chaves anda tão calado depois das eleições — e mesmo durante a campanha tentou se comprometer o mínimo possível. A oligarquia mineira, mais uma vez em silêncio, tenta abrir caminho para o poder.

Nenhuma destas manobras levam em conta o grande vencedor das eleições, o povo brasileiro. Não será com conchavos nos bastidores que os trabalhadores conquistarão os seus direitos. Para o movimento popular o que está na ordem do dia é a liquidação do regime militar, a conquista da liberdade política e o direito de escolher, em eleições diretas, o presidente da República.



No STM os militares se dividiram, mas mantiveram a condenação dos padres e posseiros

# Militares mantêm presos os padres e posseiros

O Superior Tribunal Militar manteve a condenação dos dois padres franceses e 13 posseiros do Araguaia, no último dia 3, embora tenha reduzido as penas dos padres. O advogado Luiz Eduardo Greenhalgh, da defesa, considerou "o resultado negativo, porque os dois padres são inocentes, e estão sendo considerados culpados".

Doze, dos treze posseiros, foram condenados há 8 anos de prisão, com base na Lei de Segurança Nacional, e o 13º a nove anos, sob a acusação de terem participado de uma emboscada contra uma caravana de técnicos do Grupo Especial de Terras do Araguaia-Tocantins (GETAT), policiais e jagunços em São Geraldo do Araguaia, em 13 de agosto de 1981. Os padres

Aristides Camio e Francisco Gouriou foram envolvidos no processo, acusados de terem incitado os posseiros à emboscada.

## FALTAM DOIS RECURSOS

Condenados em Belém a 15 anos (Camio) e 10 anos (Gouriou) de prisão, no recurso ao STM os padres ti-

veram suas penas reduzidas para 10 e 8 anos de prisão, respectivamente. Ao contrário do que ocorreu no julgamento no Pará, em Brasília os militares se dividiram sobre a aplicação da pena. Dois votaram pela incompetência do STM para julgar o processo; quatro votaram pela inocência de Gouriou; e dois pela transferência do julgamento para a Justiça Comum. Mas oito militares acabaram impondo a manutenção da condenação, com a redução da pena dos padres.

Segundo Luiz Eduardo Greenhalgh, advogado de defesa de Camio e Gouriou, restam ainda o recurso de embargo no próprio STM, o que deverá ocorrer dentro de quatro meses, e depois o recurso ao Supremo Tribunal Federal.

Para o advogado, o resultado do julgamento do dia 3 não deixou de ser uma derrota do governo militar, pois "para o governo era interessante a unanimidade da sentença, para assim expulsar os padres do país, com base na Lei de Estrangeiros. Com a cisão, entre os integrantes do STM, faltou-lhe um respaldo maior para fazer isso".



Gouriou e Camio continuam presos, condenados pela SN



# A oposição exige novas eleições em Mato Grosso

“Uma fraude escabrosa”. Assim o presidente nacional do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, qualificou as irregularidades e crimes eleitorais ocorridos no Mato Grosso para assegurar a vitória do PDS. O candidato do PMDB ao governo, padre Pombo, convicto de sua vitória, exige a realização de novas eleições, parciais. O PMDB já apurou milhares de casos de fraude, só na Grande Cuiabá. “Não temos como fiscalizar o Estado todo”, lamenta o padre Pombo.



Franco Montoro, Raimundo Pombo e Ulysses Guimarães, na coletiva em que denunciaram fraude

“No Mato Grosso nós estamos ilhados”, denunciou o candidato oposicionista. “Por isto viemos a São Paulo e Minas das entrevistas coletivas para denunciar as fraudes em nosso Estado. A imprensa local foi comprada, e não nos dá espaço para fazermos nossas denúncias”, justificou.

No Mato Grosso, as apurações estão dando uma vantagem de pouco mais de 5 mil votos para o candidato governista, Júlio de Campos, sobre Raimundo Pombo do PMDB. Mas o PMDB já entrou com recursos para a anulação de 60 mil votos, por comprovadas irregu-

laridades, o que levará a novas eleições, parciais, entre os dias 10 e 20 de janeiro, conforme se pronunciou a Justiça Eleitoral. Além do PMDB, também o PDT, PTB, PT e inclusive o PDS-2 entraram com recursos, denunciando fraudes.

## POVO REVOLTADO

A população de Mato Grosso está revoltada com a situação, conforme testemunha o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães: “Quando fui a Cuiabá, uma multidão estava no aeroporto, exigindo nossa palavra sobre o assunto. Nunca constatei circunstância como essa: o povo, gente humilde, clamando justiça, sentindo-se atingido pela fraude. Geralmente, essas denúncias de corrupção eleitoral ficam restritas aos partidos políticos. Mas não foi o que aconteceu desta vez. Era o próprio povo fiscalizando, exigindo lisura nas apurações. Nunca vi coisa igual!”

O candidato do PMDB agrega: “No dia em que a imprensa proclamou a vitória do PDS, Cuiabá parecia estar de luto. Nem os candidatos governistas tiveram a coragem de sair às ruas para comemorar o resultado forjado nas urnas. O povo está

decepcionado. Exige novas eleições”.

O governador eleito pela oposição em São Paulo, Franco Montoro, manifestou irrestrita solidariedade com o povo mato-grossense: “São fraudes alarmantes e uma situação dessas exige providências. Deve haver a correção do erro, para que ele não se repita”.

O advogado Idibal Piveta, encarregado pelo PMDB de impetrar os recursos contra as fraudes eleitorais no Mato Grosso exige farta documentação comprovando os crimes eleitorais. “No mínimo 10 mil pessoas estão envolvidas em crimes eleitorais no Estado. João Batista da Silva, por exemplo, votou nove vezes em Jaciara, três delas numa mesma seção. Isso numa cidade de 5 mil habitantes. Em Acorizal, entre os 5.573 eleitores existem 347 pessoas com nomes iguais! Isso é um absurdo. Tratam-se, sem dúvida, de pessoas com mais de um Título de Eleitor”.

Mato Grosso tem 449.212 alfabetizados maiores de 15 anos, segundo o IBGE. Mas o Tribunal Regional Eleitoral anunciou a existência de 580.483 eleitores, o que ultrapassa em

131.271 o número de alfabetizados no Estado, independente de serem maiores ou menores de 18 anos.

“Temos provas de menores que votaram várias vezes. De-fun-tos que ressuscitaram para colocar seus votos nas urnas. Soldados do Exército e da polícia que votaram. Pessoas que faziam rodízio, votando em várias cidades. Em Barra de Garças um candidato a vereador do PMDB foi ameaçado, com uma metralhadora no peito, quando denunciou irregularidades no dia da votação.

O advogado Piveta afirma que a fraude ocorreu em três níveis: “Ela começa no alistamento eleitoral, onde mais de 800 menores foram habilitados a votar, o INCRA e repartições públicas estaduais distribuem, à fartura, títulos eleitorais; continua no dia da eleição, quando as mesmas são coniventes com as irregularidades e aceitam eleitores que votam mais de uma vez numa mesma seção; e prossegue na apuração, quando as Juntas Apuradoras aceitam urnas, mesmo com nomes de eleitores em duplicatas, e silenciam sobre isso. Por isso, confiamos na realização de novas eleições”.



Idibal Piveta: provas irrefutáveis

**TÍTULO ELEITORAL**

Mato Grosso

V. Grande

Nome: Antonio Barbosa de Novais

29/03/31

Rui Barbosa - BA.

Jose Barbosa de Novais e Maria Madalena Novais

R. Mario Abreu Nassar

29-03-31

RUI BARBOSA - BA

JOSE BARBOSA DE NOVAIS E MARIA MADEIRA DE NOVAIS

FAZ-LAGO VERMELHO

Os dois Títulos de Antonio Barbosa de Novais. Igual a ele, milhares de outras pessoas votaram mais de uma vez nas eleições corrompidas de Mato Grosso, favorecendo o PDS.

## Denúncias causam assassinato

O candidato a prefeito de Várzea Grande pelo PMDB, Celso Quintela, chegou a ser assassinado, devido às denúncias que levantou da corrupção eleitoral em sua cidade. O padre Raimundo Pombo e outros peemedebistas, foram ameaçados de morte, por continuarem, mesmo assim, com as investigações sobre as fraudes.



Celso Quintela, o candidato assassinado

“As provas podiam ser encontradas em qualquer lugar, até nas ruas, tantos eram os Títulos de Eleitor falsos”, desabafa o candidato oposicionista.

Celso Quintela havia iniciado uma séria investigação e coleta de provas da fraude eleitoral. Centenas de títulos “frios” e de menores que votaram passaram a ser descobertos. O diretório municipal do PMDB em Cuiabá emitiu nota afirmando que “Quintela foi o escolhido” (para ser assassinado) “porque foi ele um dos companheiros mais combativos, no sentido de atender ao apelo popular e arregimentar

provas da vergonhosa fraude eleitoral. Quando o PDS sentiu o desespero de ver que a corrupção ia ser descoberta, não se deteve em acrescentar mais um odioso assassinato, às centenas que aconteceram nestes 18 anos.”

O governador Frederico Soares de Campos, do PDS, antes mesmo de qualquer investigação sobre o assassinato, pôs uma pedra no assunto: “Foi uma crise comum”, sentenciou.



A auditoria na Proconsult: um esforço para encobrir a fraude na apuração dos votos

## Não querem apurar o mar de lama eleitoral no Rio

Quase um mês após as eleições, o escândalo das apurações no Rio de Janeiro continua dando pano para manga. As declarações e explicações oficiais só aumentam as contradições e o mau-cheiro do mar de lama eleitoral.

Para início de conversa, a auditoria que o Tribunal Regional Eleitoral (TRE) pediu para os técnicos da Serpro realizarem na firma suspeita de fraude — a Proconsult — afinal não objetivava investigar a tentativa de fraude, mas apenas averiguar se o novo programa corrigido dos computadores daria os resultados corretos. Assim, os técnicos da Serpro nem tiveram acesso ao programa-fonte da computação, de onde se originou o desvio dos votos de Brizola. O que é no mínimo estranho, já que, para confirmar o acerto do programa corrigido, a auditoria teria necessariamente que analisar o programa-fonte que ocasionou o “erro” inicial de contagem.

### A PROVA DO CRIME SUMIU

O superintendente da Proconsult, Sérgio de Oliveira Assis, afirmou mesmo que o programa-fonte não pode ser investigado, pois já foi destruído — “o que é de praxe nas empresas de processamento”. Mas Sérgio Rosa, presidente da Associação dos Profissionais de Processamento de Dados do Rio (APPDRJ), garante justamente o contrário. “O dono de uma empresa de processamento — disse ele — não deveria dizer um absurdo destes. O arquivamento do programa-fonte é praxe técnica obedecida em qualquer centro de processamento de dados”.

Sérgio Rosa afirmou ainda que a destruição do programa-fonte revela uma “bestial incompetência”, do ponto de vista técnico, e uma vontade de destruir provas, do ponto de vista jurídico. Mas ainda assim o presidente da APPDRJ garante ser possível averiguar se houve fraude nos programas-fontes originais, pois “os profissionais responsáveis por eles estão vivos e ainda podem refazê-los”.

Para complicar mais ainda o quadro, o consultor jurídico da Secretaria Especial de Informática (SEI) do Conselho Nacional de Informação, Raimundo Noronha, revelou que a empresa Proconsult não é cadastrada na SEI e por isso estava impedida de prestar qualquer serviço ao poder público. Mas apesar disso foi ela que ganhou a concorrência para apurar as eleições no Rio, passando por cima de empresas com participação estatal, como a Datamec, que computou o resultado das eleições em 1978, e a própria Serpro, que apurou os resultados deste ano em São Paulo e Minas Gerais, entre outros Estados. Dá o que pensar...

### AFINAL BRIZOLA GANHA

Apesar de todas estas flagrantes irregularidades, a Proconsult voltou a contar os resultados eleitorais, depois

de dez dias de interrupção e desta vez sob supervisão da Serpro. E pela primeira vez, pasmem, o candidato do PDT ficou na frente do PDS.

O PDT espera apenas o resultado oficial para dar Brizola como governador do Rio e declarar o caso como encerrado. Mas as forças interessadas em conquistar a liberdade e liquidar com o arbítrio julgam que não se pode ficar por aí. A sociedade foi lesada e os responsáveis pela violação da vontade popular, seja por fraude deliberada ou por uma estranha e descomunal incompetência, têm de ser punidos. Isto é condição para que fatos como este não voltem a ocorrer, acobertados pela impunidade. Neste sentido, a APPDRJ já se prontificou a articular as mais diversas entidades democráticas e populares para dar entrada com um processo na justiça, exigindo a apuração completa das responsabilidades. (da sucursal)

## THE GUARDIAN

### Um golpe no Rio?

Sob o título “Figueiredo frustra conspiração golpista”, o jornal inglês **The Guardian** publicou dia 3 um inquietante artigo de seu correspondente em Brasília. Bernardo Kucinski. Segundo fontes militares, havia um golpe marcado para pouco antes da visita de Reagan ao Brasil. O governador eleito Leonel Brizola e o senador Saturnino Braga seriam atirados ao mar de um helicóptero. Figueiredo teria desarticulado a trama, mas sem prisões nem punições para não prejudicar a “imagem” do país.

Imediatamente choveram os desmentidos da mais alta cúpula governista. “É fora de propósito”, disse o general Ludwig, da Casa Militar. “O ministro Waldir Pires ficou tão indignado quanto eu”, comentou o general Octávio de Resende. “Uma deslavada mentira”, o irmão de Figueiredo, general Diogo Figueiredo. “É uma fantasia”, o ministro Leão de Abreu. “Extremamente ridículo e indigno de qualquer resposta ou comentário”, sentenciou o almirante Maximiano, ministro da Marinha.

Nenhum deles porém moveu uma palha para apurar as denúncias. E, embora não tenham sido apresentadas provas ou indícios conclusivos de que elas sejam verdadeiras, é fora de dúvidas que **The Guardian** é um jornal conceituado (o segundo maior da Inglaterra), assim como é sério e competente o seu correspondente (Kucinski foi dos quadros dos jornais democráticos **Movimento e Opinião**). O mínimo que seria de exigir, no caso, seria uma sindicância rigorosa para apurar a verdade dos fatos.

## General Figueiredo não gosta da imprensa

“Não gosto de você. Vai embora”, respondeu com arrogância o general Figueiredo a um repórter do jornal **O Estado de São Paulo**, quando este lhe perguntou sobre as mudanças na política salarial durante um coquetel em Brasília, no dia 6. Depois, sob o olhar cúmplice de Figueiredo, um de seus truculentos seguranças agarrou o braço do jornalista e ameaçou-o: “Vai direitinho, senão vai apanhar lá na rua, te garanto”.

Desta forma o “chefe da nação” tem tratado a imprensa, talvez incomodado com a recente deflagração de uma solução para a situação de caos econômico em que se encontra o país, segundo o próprio presidente detentamente antipática a depor na Polícia

de jornalistas, mesmos os credenciados, nos acontecimentos sociais de Brasília.

O ódio dos generais à imprensa é grande. Pela terceira vez na mesma semana, o jornal carioca **O Povo** foi apreendido. Já o ministro da Marinha, Maximiano Fonseca, retirou arbitrariamente as credenciais do repórter JG Manso e do fotógrafo Orlando Brito, e ainda aconselhou a **Veja** a contratar profissionais mais “competentes”. O jornal anti-sionista **Jerusalém** foi proibido de circular por ordem do ministro da Justiça. Continuam presos Juvenício Mazzarollo, diretor do jornal paraense **Nosso Tempo**, e os responsáveis pela **Hora do Povo**. E a **Tricô** também em que o jornalista foi imediatamente antipática a depor na Polícia

## Povo de Caxias do Sul elege Elói

Em Caxias do Sul, o segundo principal centro operário do Rio Grande do Sul, o vereador popular Elói Frizzo foi eleito pelo PMDB, sendo o terceiro candidato mais votado na cidade. A votação expressiva de Elói é resultado de sua intensa participação política no movimento popular de Caxias. Além de ativista do movimento sindical, tendo sido da diretoria da União Estadual dos Estudantes, Elói também tem tradição na luta da comunidade. Em 1978 foi um

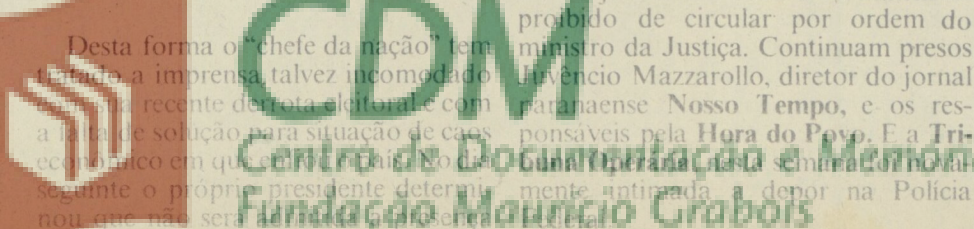
dos fundadores da Associação dos Moradores do Bairro Cruzeiro, uma das mais combativas do município. É membro da coordenação do Movimento Contra a Carestia, secretário geral do setor jovem local e membro do Conselho Político-Estadual do PMDB.

Sua campanha se realizou com poucos recursos financeiros, mas foi a mais aguerrida e política entre as de todos os candidatos dos diversos partidos. Comícios e panfletagens foram

feitos nas portas de fábricas, terminais de ônibus, nos bairros operários e populares e na universidade. Ressalta-se o fato de Elói ter obtido expressiva votação nos bairros mais populares, como no Cruzeiro, Planalto, Fatima Baixa, Magnabosco. Com ofensividade sua campanha conseguiu romper com o boicote das outras forças políticas, que durante todo tempo o acusavam de “radical”.

No comício de comemoração

da vitória do PMDB em Caxias do Sul, Elói, após parabenizar o novo prefeito, Victório Irez, reivindicou uma administração popular, “de portas abertas para os moradores de nossa cidade”. Colocou seu mandato a serviço das lutas populares e concluiu: “O papel de um vereador é lutar pelo esgoto, pela creche e toda a infraestrutura. Mas é principalmente o de se colocar ao lado do povo na luta pelo fim deste regime militar, que nos massacra há 18 anos”. (da sucursal)





## Pelego derrotado tenta anular as eleições na Bahia

Após ser derrotado nas recentes eleições para o Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia, o pelego Manoel dos Santos deu entrada na Delegacia Regional do Trabalho a um pedido de anulação do pleito. Há também um processo para impugnar oito integrantes da chapa vitoriosa, a Oposição Sindical Metalúrgica João dos Passos. O pelego não possui nenhum argumento para comprovar seus pedidos. A vitória da oposição é incontestável, tendo os eleitos obtido votos numa proporção de cinco para um, sendo proclamados vitoriosos pelo Ministério Público. Mas Manoel dos Santos conta com o apoio do delegado da DRT e do próprio governador baiano, Antonio Carlos Magalhães, que já lhe assegurou "que tudo fará para impedir a entrada destes homens no Sindicato". A oposição, que já tomou "posse", tem obtido a solidariedade de inúmeros sindicalistas, inclusive da Comissão Nacional Pró-CUT. (da sucursal)

## Reunião de líderes rurais inicia luta salarial em Goiás

Representantes sindicais do Sul e Sudoeste de Goiás reuniram-se no último dia 4, na sede da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado (Fetateg), para preparar a campanha salarial dos lavradores no início do ano. Durante a reunião foram debatidos os problemas da categoria, cuja maioria não tem sua situação trabalhista regularizada. "É necessário conquistarmos os direitos que a lei atualmente nos dá. Mas só isso não é suficiente. Precisamos de mais para resolver a nossa situação, precisamos de uma reforma agrária que fixe o lavrador na sua terra e acabe com o êxodo rural", afirmou um dos trabalhadores presentes. Também se discutiu a situação de miséria dos bóias-frias. "A maioria trabalha até 16 horas por dia sem ter nenhum direito trabalhista", declarou Divino, diretor da Fetateg e organizador do encontro. Ao final foi apresentado o filme "A luta do povo", entusiasmando os lavradores, que tomaram conhecimento da luta dos operários paulistas contra a exploração capitalista. (da sucursal)

## Motoristas do ABC paulista paralizam suas atividades

Os 1700 motoristas das 32 empresas de ônibus que transportam os funcionários das grandes empresas do ABC paulista entraram em greve no dia 7. Os grevistas reivindicam a transferência da data-base do dissídio para 1º de maio — juntamente com o restante da categoria —, equiparação de seu piso salarial ao dos motoristas das empresas de transporte coletivo urbano e estabilidade no emprego.

A falta de transporte impediu que vários operários da Volkswagen, Ford, Mercedes Benz e Saab-Scania comparecessem ao trabalho. Josias Adão, presidente do Sindicato da categoria explica que o abuso dos empresários é muito grande. "Mandaram o caso ao TRT, para dissídio, como no ano passado, quando o Tribunal levou seis meses para julgar o processo e isso nos revoltou".

## Jornalista é morto em Roraima por criticar governador

O governador do território de Roraima, brigadeiro Otomar Pinto, está criando um clima de terror em Boa Vista. Na noite do dia 2 de dezembro foi assassinado com três tiros pelas costas, em frente a Secretaria de Segurança Pública, o jornalista João Batista de Melo Alencar. Seu colega Péricles Verçosa Perruci depois da morte de Alencar teve que fugir de Roraima devido às ameaças de morte que passou a receber porque providenciou o enterro do jornalista assassinado.

João Batista de Melo Alencar era diretor do jornal *Folha de Roraima* e trabalhava com Péricles no programa "Tribuna Livre" da *Rádio Equatorial*. Alencar, de 37 anos, por criticar o governador Otomar Pinto, foi várias vezes ameaçado de morte por partidários do governante. No dia 12 de novembro denunciou a Federação dos Jornalistas que estava sendo ameaçado e perseguido pelo governador do território. No dia em que foi assassinado, Alencar estava em Manaus acompanhando o julgamento das urnas de Boa Vista impugnadas pela oposição. Disse que voltaria a Boa Vista somente para se despedir dos amigos. Quando estava chegando ao hotel foi alvejado. Seu corpo não pôde ser enterrado na capital do território devido às pressões das autoridades e foi sepultado no Piauí.

# Falta de segurança mata 18 bóias-frias

Uma nova tragédia atinge os bóias-frias paulistas: no último dia 2 um caminhão descontrolado precipitou-se de uma altura de 10 metros, incendiando-se. Treze trabalhadores morreram na hora, a maioria carbonizada; logo em seguida dois morreram no hospital; e no dia 7 mais três faleceram. Outros 21 permanecem no hospital, muitos em estado grave.

O acidente ocorreu a cerca de 20 quilômetros de São José do Rio Preto, no interior de São Paulo. Os trabalhadores volantes haviam saído de seus dormitórios, às 5:30 horas, na cidade mineira de Fronteira, e eram transportados para o corte de cana, contratados pela empreiteira Nicolini. O caminhão Ford que os transportava, sem as mínimas condições de segurança, teve sua barra de direção quebrada e caiu no desfiladeiro.

Entre os mortos encontravam-se quatro menores, como Edmilson Manoel dos Santos de apenas 13 anos de idade, e três mulheres. Há alguns meses a Polícia Rodoviária Estadual iniciou uma fiscalização prometendo apreender os caminhões que não oferecessem condições para o transporte. Pura demagogia: nenhum caminhão foi apreendido, sendo feitas pequenas multas, inclusive à empreiteira Nicolini. Tanto as empreiteiras, que contratam os volantes nas suas

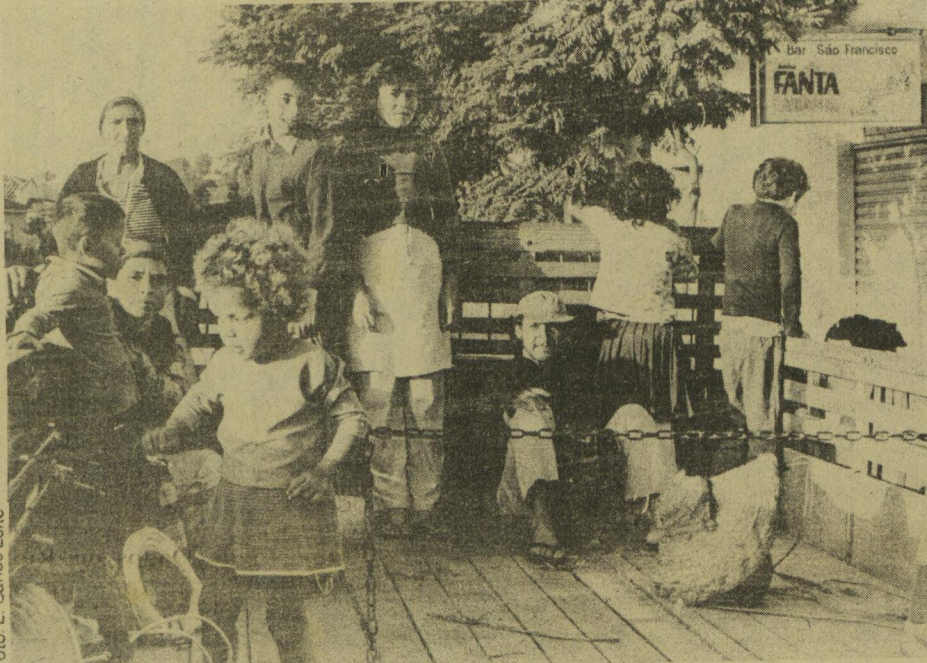
idades, como os usineiros, preferem pagar as multas a resolver o problema do transporte.

### FAMÍLIAS DESAMPARADAS

Logo após o acidente, a Usina Fronteira, onde os volantes cortavam cana, veio a público dizer que só se responsabilizaria pelas despesas com o sepultamento. Revoltadas, as famílias das vítimas denunciaram que nenhum dos mortos tinha registro em Carteira e que ficariam totalmente desamparadas, sem qualquer indenização. Num jogo de empurra, a Usina afirmou que "quanto aos problemas trabalhistas, isso é com a empreiteira", e esta por sua vez nada respondeu, ficando as famílias na miséria.

Quatro toneladas de alimentos e 1,1 milhão de cruzeiros já foram arrecadados na região em solidariedade às famílias, por iniciativa da rádio de Fronteira. E o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Mirassol emitiu nota de protesto pela "forma abusiva de transporte dos lavradores" e pedindo "às autoridades providências contra os abusos".

Prova de como as empreiteiras, os usineiros e o governo são farinha do mesmo saco e não ligam para vida dos bóias-frias: cerca de 1 mês antes, no dia 26 de outubro, no dia 27, num outro acidente, mais sete trabalhadores volantes faleceram, dentre eles dois menores. Foi na cidade paulista de Penápolis, e nenhuma providência foi tomada.



Crianças e mulheres são transportados como gado, em caminhões sem segurança

## Demissão política no Sindicato dos Químicos

No último dia 26 a médica Sandra Maria Salomão foi demitida de seu emprego, mesmo possuindo estabilidade até outubro de 1983. O que causou estranheza é que quem a demitiu não foi um capitalista qualquer, mas a diretoria do Sindicato dos Químicos de São Paulo. Eleita em meados do ano e auto-rotulando-se "autêntica", a nova diretoria mostrou sua verdadeira face, perseguindo os que não rezam pela sua cartilha política.

"Quando eles ganharam a eleição, deixaram-me de lado", conta Sandra. "Até que o Domingos Galante, presidente do Sindicato, procurou-me e disse que o meu departamento, o de Segurança e Medicina do Trabalho, não interessava à categoria, o que é falso. Tanto que no programa de sua chapa a insalubridade é um dos principais pontos. Também falou que minha estabilidade não tinha validade e que estavam contendo despesas, dispensando funcionários, o que é outra mentira. Desde que assumiram já admitiram várias pessoas, todas ligadas a sua tendência política. E abriu o jogo: 'infelizmente eu tenho que dar uma de patrão e demiti-la'".

Como já previa a demissão, Sandra procurou o seu Sindicato, o dos Médicos, e fez a denúncia. Elío Fiszbein, presidente da entidade, ligou para Galante dizendo estranhar o caso. "pois todo o movimento sindical tem lutado pela estabilidade e vocês demitem logo uma pessoa que tem estabilidade". Elío pediu a Galante "um pouco de coerência" e solicitou uma reunião, que até agora não foi marcada.

### CARÁTER POLÍTICO

"A demissão tem caráter político", afirma Sandra. "Quando ganharam a



Sandra e sua filha: perseguição política

eleição, correu o boato que dispensariam todos os que apoiaram a chapa adversária e os que apoiaram outros partidos que não o PT, que é o da maioria deles. Eles sabem que eu apoiéi os candidatos populares do PMDB. Antes de mim eles já haviam demitido o Augusto, também do PMDB".

Sandra abriu processo contra a direção do Sindicato. "Afinal eles estão fazendo as vezes do patrão. Falam em estabilidade, mas demitem na própria casa". E faz uma ressalva: "Eu não culpo toda a diretoria. Há membros mais coerentes, aqueles que saíram da produção. Mas nos cargos-chaves estão as que nunca pegaram no pesado, vieram dos escritórios e não sabem como as condições insalubres de trabalho prejudicam os químicos".



Passeata de professores e funcionários da Universidade Federal de Goiás, realizada em Goiânia, dia 3

# MEC recusa atender professores em greve

Os 35 mil professores e os 40 mil servidores das universidades federais autárquicas decidiram continuar sua greve nacional depois que o MEC se recusou a atender suas reivindicações. A situação tornou-se mais grave quando foram revelados documentos secretos do MEC que colocam em risco diversas conquistas trabalhistas dos professores e servidores universitários.

A greve dos professores e funcionários das universidades autárquicas federais foi decretada a 18 de novembro pela Andes (Associação Nacional de Docentes do Ensino Superior) e pela Fasubra (Federação das Associações dos Servidores Universitários). Além das reivindicações salariais, os grevistas querem que a comunidade universitária seja ouvida no tocante a reestruturação da universidade. E dentro disto, dois pontos são fundamentais: a desvinculação do DASP e o orçamento global.

O Ministério da Educação e Cultura (MEC) quer desvincular os professores e funcionários do DASP (Departamento Administrativo do Serviço Público). Isto significa que cada universidade poderá criar seu próprio quadro de pessoal. Os professores são contra esta medida pois, significaria o esfacelamento do quadro único dos professores nas universidades autárquicas e dividiria o movimento dos docentes. Com a crônica falta de recursos financeiros para a educação, uma medida destas implicaria em instabilidade no emprego e demissões de lideranças combativas.

### PARTICIPAÇÃO DOS PROFESSORES

Quanto ao orçamento global, o MEC alega que pretende desburocratizar a distribuição das verbas destinadas a cada universidade. Na realidade, o MEC pretende fixar um teto global para cada universidade, e caso esses recursos não sejam suficientes, ela terá que se "virar" com outros recursos. Esta proposta de orçamento global abre as portas das universidades ao capital privado e ao ensino

pago, privatizando o pouco que resta de universidades públicas e gratuitas.

A Andes considera necessária a desburocratização na elaboração orçamentária, mas desde que fique subordinada à gratuidade do ensino e da obrigatoriedade do Estado garantir os recursos necessários para a educação. Cada orçamento deve ser "elaborado e gerido por colegiados democráticamente constituídos" em cada universidade.

### DOCUMENTOS SECRETOS

Um dia antes do encontro dos presidentes da Andes e da Fasubra com a ministra Esther Ferraz, os professores tomaram conhecimento de documentos sigilosos emitidos pelo MEC. As idéias contidas nos dois documentos, caso venham a ser implantadas, provocarão profunda alteração nas universidades brasileiras. A matéria divulgada estaria sendo discutida reservadamente entre a secretaria do Planejamento, o MEC e o DASP. Estes fatos



Assembléia dos professores da Escola Paulista de Medicina

## Greve na construção civil agita Belém

Cerca de três mil trabalhadores da construção civil de Belém, no Pará, entraram em greve no dia 29 de novembro e só voltaram a trabalhar quatro dias mais tarde. Fizeram várias passeatas pela cidade e foram violentamente reprimidos pela PM. Os grevistas exigiam inicialmente um índice de produtividade de 40%, mas aceitaram no final 10%. Foram as maiores manifestações de protesto dos últimos anos em Belém.

Na maior das passeatas, dia 30 de novembro, apre-

ximadamente três mil trabalhadores saíram da sede do sindicato se dirigiram até a Delegacia Regional do Trabalho. Foram acompanhados de perto por soldados da cavalaria da PM e carros da rádio patrulha. Mas quando tentaram subir a rua 12 de Março a PM cercou o local e apontou suas armas para os trabalhadores. Houve pânico e vários veículos foram danificados. O distúrbio durou cerca de duas horas.

Trabalho, o presidente do

sindicato patronal se negava a negociar, afirmando que não negociava sob pressão, referindo-se à manifestação na parte externa do prédio. Por outro lado, na sede do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil, o seu presidente, Severino do Espírito Santo, um conhecido pelego, pouco fazia pela categoria. A categoria mostrou seu repúdio a Severino, lhe dando uma sonora vaia por ter assinado uma nota de apoio a candidatura de senador. O presidente do sindicato foi consultado os operários.





## fala o POVO

**A** amigo leitor, esta é a última edição de Fala o Povo em 1982, pois na semana que vem a Tribuna Operária fará um número especial, com o balanço do ano que passou. Desejamos a todos boas festas e um 1983 cheio de êxitos na luta por um Brasil melhor para os trabalhadores.

**N**o futuro, como no passado e no presente, você pode contar com esta seção. Escreva para Fala o Povo! Muitos milhares de trabalhadores como você, de todo o Brasil, estão interessados na denúncia que você tem para fazer, na experiência de luta que você tem para contar. É assim, aprendendo uns com os outros, que os movimentos operários e populares vão avançar e vencer. E ajudar neste sentido é o objetivo maior de Fala o Povo. Nosso endereço está na página 7. (Olívia Rangel)

## Secundaristas vão fazer Congresso da UBES em abril

A União Brasileira dos Estudantes Secundaristas-UBES, realizou nos dias 04 e 05 de dezembro, em Campinas - SP, seu III Conselho Nacional de Entidades Gerais (CO-NEG), com a participação de 30 entidades, sendo 20 com direito a voto.

A visita do chefe do imperialismo norte-americano, Ronald Reagan, foi o que marcou a unidade das entidades presentes, sendo aprovada por unanimidade uma moção de repúdio à sua visita e à ida do Brasil ao Fundo Monetário Internacional (FMI).

No campo da iniciativa política, a UBES apoiará a emenda do Senador Mauro Beneditos (PMDB-CE), exigindo eleições livres e diretas para prefeitos de capitais e áreas consideradas de "segurança nacional".

Nas escolas públicas mantém-se a exigência de imediata suplementação de verbas, fim de todas as taxas e mais vagas nas universidades públicas.

O XXI Congresso da UBES marcado anteriormente para outubro deste ano e adiado por falta de estrutura material, foi remarcado para os dias 22, 23 e 24 de abril de 1983, em São Paulo.

Ampliando o critério de participação, os delegados por escola serão eleitos proporcionalmente ao número de alunos, sendo: três para os primeiros 500 alunos e um a cada 500 posterior, democraticamente eleitos em Assembleia Geral com uma participação mínima de 5% dos alunos da escola; o Voto em urna (10%) e reunião do Conselho de Representantes de Turma (50% + 1). Cada entidade de Base (Grêmios ou Centros Cívicos) terá direito a indicar um delegado de sua diretoria.

Os passos dados neste III Conselho de Entidades Gerais, significa um aprofundamento na unidade e na luta dos secundaristas de todo o país por ensino Público e Gratuito e pelo Reconhecimento da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas que em 1983 completa 35 anos de luta por um Ensino Democrático e Voltado para os Interesses do Povo Brasileiro. (Apolinário Rebelo — vice-presidente da UBES - São Paulo - SP)

## Desgoverno do PDS faz sofrer o povo de Brejo Grande

Continua tenso o clima político na cidade de Miguel Calmon. No povoado de Brejo Grande, a população local volta a sofrer as consequências do desgoverno do PDS.

No dia 21 de novembro, partidários do PDS-I, quando comemoravam a vitória do candidato a prefeito, Ronam Mota, soltando bombas próximo às casas de partidários do PDS-II e do PMDB, foram chumbados com tiros de espingardas disparados por pessoas não identificadas. Foram atingidos Josiel Oliveira Goes, Hélio Teixeira Gonçalves, o Sr. Pedro, filho da senhora conhecida por Dungenha, entre outros.

Estas pessoas foram socorridas no Hospital de Miguel Calmon e já receberam alta. A polícia está investigando a ocorrência, inclusive intimando os possíveis envolvidos.

Estes incidentes ocorreram no dia seguinte ao início das comemorações da vitória do PDS-I, quando também um popular foi atingido por uma facada na altura do umbigo, por pessoas não identificadas e em plena praça central da cidade.

Em Miguel Calmon, o PMDB teve 437 votos, o PT teve 11 votos, o PDS teve 5966 e ainda foram "pescados" 1070 votos em 1982.

José Fernando M. Rocha, presidente em exercício do PMDB de Miguel Calmon (BA)

# É hora de criar a nossa Associação em Camaçari

Operárias e operários que são explorados pela Servidora — Serviços de Limpeza Ltda., de Maria Horondina de Mello e Silva Santos: não é possível continuarmos nesta situação de desprezo, de humilhação, de baixos salários, de demissões e de fome. É hora de dizermos basta aos patrões. E a maneira de fazer isto é com nossa união.

São muitas as arbitrariedades administrativas praticadas pelos patrões. Quando nos dispensam temos que recorrer ao Ministério do Trabalho, e depois de muitos meses os patrões só nos pagam menos da metade do que temos direito. As gestantes não têm licença remunerada. Os funcionários que trabalham no "Pronto-Socorro" de Camaçari não recebem adicional noturno. No dia-a-dia trabalhamos nas mais precárias condições de segurança.

Na Cobafi temos o represor José Neri, que recentemente e de forma bem aberta induziu um dos nossos companheiros que não sabe escrever a assinar com o dedo um documento referente à atualização do salário. Isto ele fez conduzindo o dedo do funcionário ao papel sem sequer dar uma explicação sobre o que se tratava. Foi desta mesma forma que um encarregado da Caraíba Metais, o sr. Humberto, demitiu uma companheira. Como já prevíamos, os companheiros que tiveram que viajar no dia 15 de novembro para votar e não tiveram tempo para retornar no mesmo dia tiveram o dia descontado. E agora estão ameaçados de serem transferidos para outras fábricas como forma de punição.

Além de um dia duro de trabalho, somos empurrados

como gado em um ônibus imundo com cadeiras e janelas quebradas e sujeitos à chuva que penetra pelos rombos existentes no teto. Se é na alimentação, comemos mal e muitas vezes simplesmente não comemos, porque a Servidora não firma convênio com algumas empresas às quais ela vende nossos serviços, para que estas nos sirvam refeições. Às vezes a comida servida é de tal qualidade que é impossível comer. Assim, muitos de nossos companheiros contraem doenças da fome, como por exemplo uma

companheira que trabalha na área da Copene e contraiu, por desnutrição, tuberculose.

Tudo isso mostra à gente o quanto é necessário criarmos em Camaçari nossa Associação. Associação que será a união e organização dos trabalhadores em empreiteiras de "prestação de serviços" — e que lutará por melhores salários, melhores condições de trabalho e contra o desemprego. Esta é a saída para nós. (uma operária da Servidora, amiga da TO — Camaçari, Bahia)



## Operários do Vale deram força a Aurélio Peres

Senhor Presidente, requeremos, nos termos regimentais, sejam inseridos em ata desta Câmara Municipal votos de congratulações para com o deputado federal Aurélio Peres, do PMDB, re-

leito nas últimas eleições de 15 de novembro.

Aurélio Peres é um combativo parlamentar, destacando-se na luta por melhores condições de vida e trabalho para todo o povo brasileiro. Auré-

lio Peres é um Deputado-Operário, ferramenteiro da Caloy e líder sindical. Em São José dos Campos, obteve mais de mil votos, mostrando a sua influência também junto aos trabalhadores joseenses. De maneira geral, Aurélio Peres foi votado em todos os municípios industrializados da região do Vale do Paraíba.

A reeleição de Aurélio Peres bem retrata o reconhecimento do povo paulista pelo trabalho que vem desenvolvendo, dentro e fora do Parlamento, contra toda e qualquer forma de opressão e exploração e pela independência nacional.

Que desta decisão se dê ciência ao homenageado, aos presidentes regional e nacional do PMDB, aos líderes do PMDB em todas as Câmaras Municipais do Vale do Paraíba e Litoral Norte, ao jornal Tribuna Operária. (João Bosco da Silva, vice-líder do PMDB na Câmara dos Vereadores de São José dos Campos).



O deputado operário homenageado pelos vereadores de São José

## PDS derrotado cria clima de terror em Novo Mundo

Mundo Novo, uma cidade calma a mais de 300 km de Salvador, está vivendo um clima de terror, provocado pela polícia local, com o apoio do atual prefeito, Ederval Nery, do PDS. Este, inconformado e desesperado com a derrota no pleito de 15 de novembro, que elegeu o candidato do PMDB, Dr. Raimundo Costa, está ordenando uma série de arbitrariedades visando pessoas que trabalharam e apoiaram o partido de oposição.

Após as eleições, ocorreram as prisões ilegais de Rubens Messias e Romilson Mateus Gomes, jovens de boa

conduta, que foram violentamente espancados na delegacia e ameaçados de morte, sendo os autores das agressões os soldados da Polícia Militar, José Eduardo de Oliveira Chaves (Chaves) e José Boaventura (Ventura). Estes policiais de mau caráter, torturadores indesejáveis, estão espalhando o terror pela cidade, juntamente com o delegado, tenente Enock Marques, e o sub-delegado, Alvin Oliveira Mascarenhas, que comandam a desordem, a violência e a repressão.

O soldado da PM, José Eduardo de Oliveira Chaves, na noite do dia 27 de novem-

bro se encontrava embriagado pelas ruas, dirigindo provocações e ameaças a quem passava. Repellido, o soldado partiu para as agressões físicas, sacando a arma e atirando o que culminou em lesões corporais no bancário Wellington Lima Fortes, correio da PMDB.

Toda a polícia local, atrelada ao caciace Ederval Nery, está incumbida de ameaçar, agredir e prender todos aqueles ligados ao PMDB, que são pessoas de bem, pessoas do povo. Mundo Novo é do povo, e o povo revoltado pede a saída imediata dos policiais do atual prefeito. (Um morador de Mundo Novo - Bahia)



## Governador de Roraima mandou matar jornalista

A população e os estudantes de Roraima estão revoltados com a morte do jornalista João Alencar, um dos mais ferrenhos opositores do sistema fascista e corrupto de governo implantado em Roraima pelo brigadeiro biônico Otomar Pinto, que movia dois processos contra Alencar, um pela Lei de Segurança Nacional e outro pela Lei de Imprensa. Otomar contratou pistoleiros e Alencar, ao sair de um hotel no centro da cidade de Manaus (Amazonas), foi covardemente assassinado com três tiros pelas costas.

Militante do PMDB, diretor da Folha de Roraima, Alencar tecia severas críticas em seu jornal à corrupção mais desenfreada de toda a história de Roraima — que sempre foi gover-

nada por militares — exercida agora na figura do corrupto Otomar. Durante a campanha eleitoral o jornalista já sofrera dois atentados. Pedira proteção às autoridades, mas estas nada fizeram. Deixaram para matá-lo após as eleições, temendo a derrota do partido de Otomar, que é o PDS.

Companheiro Alencar, fique certo de que sua morte, apesar de sabermos que ficará impune, pois os assassinos recebem proteção do regime militar, não foi em vão. Porque aqueles que morrem empunhando a bandeira da democracia, da justiça social e das liberdades na verdade não morrem. Multiplicam-se no dia-a-dia, mais vivos nas lutas do povo brasileiro contra a ditadura militar. (um roraimense residente em Manaus, leitor da T.O.)

## Uma trincheira do povo na Câmara de Jequié

José de Jesus Leal, 31 anos, casado, foi eleito vereador e o mais vo-

tado do PMDB de Jequié. Sua candidatura foi lançada pelos operários e trabalhadores rurais de Jequié, onde José Leal integra a Tendência Popular liderada por Francisco Pinto e Haroldo Lima. A indicação de seu nome foi uma consequência natural de sua atuação política. Desde garoto atuou no Sindicato dos Sapateiros, participou da reorganização do Centro de Estudantes de Jequié, participou da formação de associações de moradores e atualmente é presidente da Associação dos Operários de Jequié. Apoiou com decisão as candidaturas de Haroldo Lima para deputado federal e de Juraci Novato para deputado estadual.

Seu compromisso é de transformar seu mandato em trincheira de luta em defesa de Jequié, do povo — principalmente dos operários, trabalhadores rurais e moradores da periferia. (do correspondente em Jequié, Bahia)



José Leal, o mais votado da oposição

## Obrigado ao eleitor de oposição

Esta é a minha homenagem  
Aos eleitores que votaram na oposição  
Meu povo brasileiro obrigado digo de coração  
Não sei como agradecer vocês minha gente  
Nós nos unimos no Brasil inteiro de unha e dente  
Agradeço aos eleitores de todo o Brasil  
Muito obrigado meu povo em nome da oposição  
Não sou candidato nem nunca fui  
Quem falar que sou já mentiu  
Penso na independência do país e no futuro da nação

Sou um pobre sofredor  
Nasci e me criei na roça  
Com muito orgulho sou filho de lavrador  
Hoje moro na cidade grande  
Mas vejam só que infelicidade  
Gostaria muito de ajudar a população  
Mas sou pobre e não tenho nem aonde deitar  
Aqui vai meu apelo àqueles que foi eleito  
Olhai por nós e pela nossa nação  
Afim de contas somos todos irmãos  
Obrigado meu povo brasileiro  
Por eleger a nossa oposição  
Agora só falta cada um sentar no seu trono  
E mostrar a nós se tem bom coração  
Pra nós poder eleger um presidente pra nação  
(A.G.S. - Empresa Pássaro Marron, São Paulo)



LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

A imprensa da classe operária

A aspiração espontânea dos trabalhadores em cada empresa e em cada bairro é a criação de um jornal local, que oriente as suas lutas imediatas, políticas e econômicas. Mas para forjar a consciência revolucionária da classe operária, para esclarecer os interesses comuns dos trabalhadores em todo o país, para unir o proletariado e todas as demais correntes populares e democráticas na luta pela liberdade rumo ao socialismo, é indispensável um jornal político nacional orientado pela teoria científica marxista-leninista.

REPÓRTER OPERÁRIO

Um jornal nacional é um instrumento de grande valor para orientar a luta cotidiana e para unificar as reivindicações econômicas e os protestos políticos, transformando a luta espontânea de cada local em luta de classes de todos os operários contra a burguesia e contra o governo.

Um jornal operário de massas não pode limitar-se aos esquemas institucionais que servem à imprensa burguesa. Desde a elaboração do jornal até a sua distribuição e sustentação material, é necessário contar com o apoio direto e voluntário de milhares de trabalhadores conscientes. A experiência da **Tribuna Operária** nestes três anos de atividade confirma que a imprensa operária e popular não sobrevive sem este apoio de massas.

Todo operário consciente pode tornar-se um repórter. Toda manifestação da opressão capitalista em sua empresa, todo abuso de um chefe prepotente, toda injustiça do patrão deve ser levada para o jornal. Não precisa ser muito bem redigida — isto a redação se encarrega de aperfeiçoar. O importante é que seja um relato vivo. Que transmita a idéia da exploração, que traga a marca do sacrifício imposto aos trabalhadores e ao mesmo tempo a sua revolta contra a opressão. Que mostre a verdadeira face de explorador do patrão que aparece para a sociedade com um sorriso simpático. Que retrate também a resistência oferecida pelos operários e o resultado prático da luta para que toda a classe aprenda com a experiência.

APOIO DE MASSAS

Cada trabalhador consciente pode ser também um propagandista e um vendedor do jornal. Na sua fábrica, ou na sua seção, pode mostrar aos companheiros de trabalho a importância de um porta-voz nacional de sua classe e formar uma rede de compradores do jornal. E pode alargar o seu campo de influência no bairro onde mora e no sindicato a que está filiado. Com este trabalho pode formar novos repórteres e novos propagandistas operários.

Estes repórteres e propagandistas podem contribuir também para o apoio material e financeiro do jornal de sua classe. A burguesia conta com uma vasta rede de publicidade, créditos dos bancos e apoio do governo para impulsionar a sua imprensa. A classe operária não tem nada disto e ainda tem que enfrentar pressões econômicas e políticas além da repressão policial em muitas ocasiões.

VIGILÂNCIA DE CLASSE

A imprensa operária vive da venda do jornal, da venda de assinaturas, de contribuições de seus amigos e de iniciativas por todo lado para acumular tostões com a colaboração popular — coletas nas empresas e nos bairros, bingos, rifas, festas, etc. É assim que um jornal pobre como a **Tribuna Operária** tem sucursais em todo o Brasil.

Todo operário consciente é também um vigia atencioso para que a sua imprensa jamais se afaste da sua classe, jamais abandone o caminho da revolução e do socialismo. A sede do jornal está aberta para qualquer trabalhador levar a sua crítica e sugestão. A seguir, lições das urnas.

Tribuna Operária

Endereço: Travessa Brigadeiro Luiz Antônio, 53, Bela Vista, São Paulo, CEP 01318. Telefone: 36-7531 (DDD 011) Telex: 01132133 TLOP BR

Jornalista responsável: Pedro Oliveira  
 Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olivia Rangel.  
 Sucursais:  
 Acre: Rua Belém, 91, Estação Experimental, Rio Branco - CEP 69900.  
 Amazonas: Rua Simon Bolívar, 231-A (Praça da Saudade) - Caixa Postal: 1439 - Manaus - CEP 69000. Pará: Rua Aristides Lobo, 620 - Centro - Belém - CEP 66000.  
 Maranhão: Rua da Paz, 417 - Altos - Centro - São Luiz - CEP 65000. Piauí: Rua Simplicio Mendes, 150, sala 7 - Teresina - CEP 64000. Ceará: Rua do Rosário, 313, sala 206 - Fortaleza - CEP 70000. Rio Grande do Norte: Rua Fonseca e Silva, 1098 - sala 102 - Alecrim - Natal - CEP 59000. Paraíba: Rua Padre Meira, 30, sala 108 - Centro - João Pessoa - CEP 58000. Rua Venâncio, Neiva, 318, 1º andar - Campina Grande - CEP 58100. Pernambuco: Rua 7 de Setembro, 42, 7º andar, sala 707 - Boa Vista - Recife - CEP 50000. Rua 13 de Maio, 85, 1º andar, sala 3 - Garanhuns - CEP 55300. Alagoas: Rua Cincinato Pinto, 183 - Maceió - Centro - CEP 57000. Sergipe: Rua João Pessoa, 299, sala 28 - Aracaju - CEP 49000. Bahia: Rua Senador Costa Pinto, 845 - Centro - Salvador - CEP 40000. Av. Getúlio Vargas, 260, sala 101 - Feira de Santana - CEP 44100. Rua Corpo Santo, 32 - Bairro dos 48 - Camaçari - CEP 42800. Av. Juracy Magalhães, 180 - sala 204 - Itabuna - CEP 45600. Minas Gerais: Rua da Bahia, 573, sala 904 - Centro - Belo Horizonte - Tel.: 224-7805 - CEP 30000. Rua do Contorno Rodoviário, 345/355 - Contagem - CEP 32000. Galeria Constança Valadares, 3º andar, sala 411 - Juiz de Fora - CEP 36100. Goiás: Rua 12 Q 32, L 04 - Vila Santa Helena - Goiânia - CEP 74000 - Tel.: 225-6689. Distrito Federal: Ed. Goiás, sala 322 - Setor Comercial Sul - Brasília - CEP 70317. Mato Grosso: Rua Comandante Costa, 548 - Cuiabá - Tel.: 321-5095 e 321-9095 - CEP 78000. Espírito Santo: Rua General Osório, 127, sala 908 - Vitória - CEP 29000. Rio de Janeiro: Rua São José, 90, sala 2208 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20000. Rua Carvalho de Souza, 155, Loja F - Madureira - Rio de Janeiro - CEP 20000. Av. Amaral Peixoto, 370, sala 807 - Centro - Niterói - CEP 24000. Rua Nunes Alves, 40, sala 101 - Centro - Duque de Caxias - CEP 25000. São Paulo: Rua Jurubatuba, 1716, sala 9, 1º andar - São Bernardo do Campo - CEP 09700. Rua Professor Luiz Rosa, 94 - Centro - Campinas - CEP 13100. Paraná: Av. Winston Churchill, 2030, sala 3 - Pinheirinho - Curitiba - CEP 80000. Rua Sergipe, 892, salas 7 e 8 - Londrina - CEP 86100. Rio Grande do Sul: Rua General Câmara, 52, sala 29 - Centro - Porto Alegre - CEP 90000. Rua Dr. Montanari, 658 - 1º andar - sala 15 - Caxias do Sul - CEP 95100. A **Tribuna Operária** é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Impressa na Cia. Editora Jorúes, Rua Gastão da Cunha, 49 - Fone: 531.8900 - São Paulo, SP.

Os escravos cantam a liberdade

Um pedacinho do cabedal cultural do elemento negro acabou de ser lançado em disco pelo selo Eldorado. O elepê "O Canto dos Escravos" é baseado em material recolhido em São João da Chapada, e enfeixado no livro "O Negro e o Garimpo em Minas Gerais", pelo escritor Aires da Mata Machado Filho, publicado em 1928 pela José Olímpio Editora.

No calibre da inteligência

Há muito o povo brasileiro, escurado no calibre da inteligência, vem rompendo as perversidades dos Ciclos Econômicos. Os oprimidos exercitam seus corpos e mentes defendendo-se dos exploradores. A luta é para valer. E travou-se nos engenhos da cana-de-açúcar, nos campos do gado, nas minas e catas da mineração, nas florestas virgens da borracha, nos verdes campos do café e desembocou nos parques da industrialização dos dias atuais.

Os segregacionistas continuam afiando suas ambições e instrumentos destruidores. Mas não atingirão as veredas trilhadas por aqueles que foram os primeiros trabalhadores braçais e intelectuais do Brasil. Os homens negros, aqui desembarcados como escravos, viram a necessidade de organizar manifestações libertárias, e criaram os Quilombos, que foram trincheiras resistentes na conquista da liberdade.

Nas senzalas os homens negros eram castrados ou proibidos de liberdades, mas nos Quilombos reinaram e falaram a língua africana, trabalharam, amaram, praticaram o Candomblé, cantaram, jogaram a capoeira e defenderam-se dos inimigos colonizadores. Misturaram palavras portuguesas ao vocabulário africano, e essa mistura pode ser detectada nas cantigas de ninar e de roda, nos cantos de

trabalho, nas festas populares, nas comidas, nas superstições e/ou crendices do povo brasileiro.

UM INGÊNUO PRATO-FEITO

O carnaval é a maior festa profana que aterrizou no "País do Futebol". Graças à ingenuidade do índio, do caboclo e do negro, essa bagunça perversa saravou e carnalizou na terrinha do saci pererê, do boi-tatá, da caipora, da mula-sem-cabeça, do lobisomem, do jeca tatú e tem mais. Da democracia-relativa, do boia-fria, da inflação do xuxú e do corte de cabelo, da miscigenação, do negro de alma branca, do 1º de abril, do trombadinha, do trombadão ou trabalhador desempregado, da polícia truculenta, das favelas, das malufadas, do cheque-sem-fundo, do homem do baú, do João, das Clarices que choram as ausências dos companheiros; e a tortura continua através de novos métodos como Finsocial e eleições do voto vinculado.

A resistência dos oprimidos espalhou-se nas veias dos mulatos, mamelucos, cafusos e sararás dos Brasis. Eles têm certeza da contribuição econômica, social e cultural que sempre deram para riqueza do País, e reivindicam o direito que têm todos os povos de escreverem a sua história. (R.S.S.)

O coordenador Aluizio Falcão buscou autorização junto ao escritor e colecionou 14 entre as 65 partituras de cantos de trabalho. A direção musical foi do maestro Marcus Vinícius, que acompanhado dos músicos Djalma Correia, Papete e Don Bira, realizou um bom trabalho.

CLIMA DE AFLIÇÃO

Os intérpretes do elepê "O Canto dos Escravos" foram Clementina de Jesus, Doca — pastora da Velha Guarda da Portela — e Geraldo Filme, que souberam mergulhar nos enredos. Captaram o clima de aflição e de esperança dos cantos de trabalho, e moldaram interpretações e regaram sensibilidades nas vertentes dos instrumentos de percussão — tronco, atabaques, xequerê, enxada, cabaça, agogô, ganzá, caxixi e afoxê — mostrando identidade com a temática.

DESENREDO

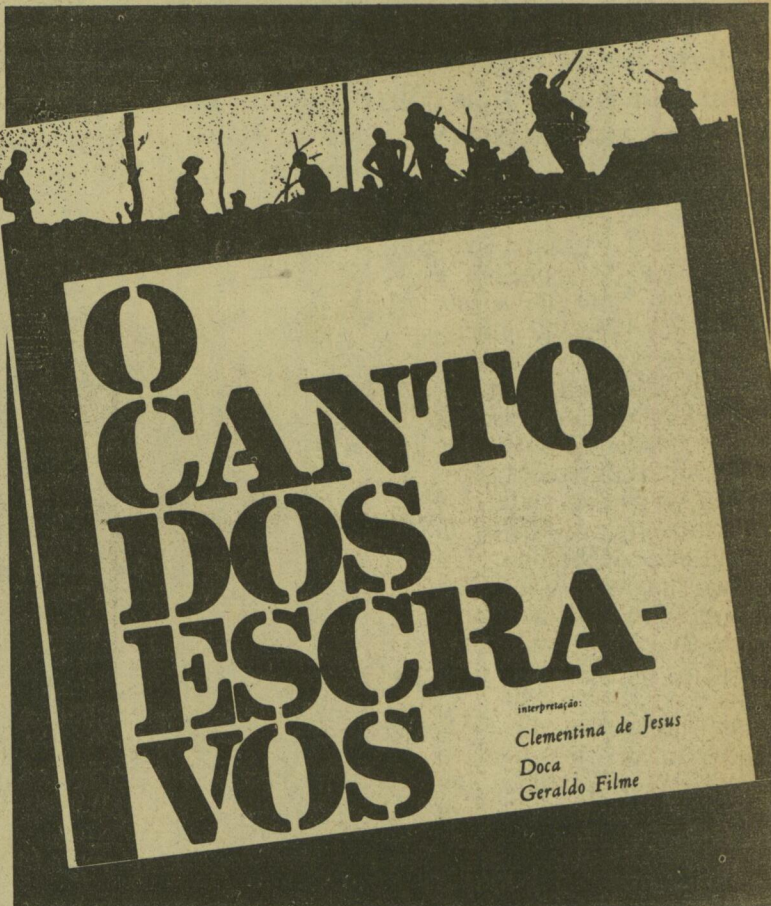
Canto I: o cantor mais velho, afirma para o outro mais moço, e para o senhor de escravos, que ele também sabe cantar e lavrar a terra.

Canto II: descreve a fuga de um negro no rumo do Quilombo do Dumbá e o choro dos outros por não poderem fugir.

Canto III: mostra o envolvimento que o homem negro tem com o mar.

P.S.: O que nos leva a pensar nas diábruras libertárias que, em 1910, o marinheiro João Candido realizou no comando de um dos três navios da Revolta da Chibata, em plena Baía da Guanabara, que em tupi-guarani quer dizer Seio do Mar. João Bosco e Aldir Blanc cantaram no samba "O Mestre Sala dos Mares" as peripécias do almirante Negro.

Canto IV: esse canto é uma amostragem do sincretismo religioso do afro-brasileiro.



Um pedacinho da cultura negra, agora em disco

Canto V: são as peripécias de uma galinha arrepiada e as de uma crioula bonita chamada Dona Maria de Ouro Fino.

Canto VI: o cantor gaba as qualidades de seu cavalo.

Canto VII: é um dos cantos que o escritor não conseguiu o fundamento da cantiga.

Canto VIII: a cantiga também não tem fundamento.

Canto IX: é o canto onde o cantor afirma que prefere morrer do que viver como escravo.

Canto X: é uma das cantigas de secar água das catas. Segundo informam no disco, os trabalhadores secam a água das catas com barris: vai um cheio, volta outro vazio. Daí o sentido da cantiga.

Canto XI: é o canto que o trabalhador ao começar o trabalho, pede a Deus e a Nossa Senhora que abençoem o seu trabalho e a sua comida.

Canto XII: é a cantiga "Ômenha Rôssequê" que anuncia que o trabalho de secar água acabou.

Canto XIII: o cantor mestre chama: "Purrú, acoêto?" - olá, companheiros? - Os companheiros respondem: "caveia?" - o que é lá?-.

Canto XIV: é o canto onde o trabalhador avisa que está com feitiço e que não pode trabalhar.

Sem dúvida, naquela época não havia atestado-médico, e o trabalhador solucionava seus problemas com os cantos do trabalho. (Roque S. de Souza)

Depois de 5 anos, a taça é do Vasco

Depois de 5 anos consecutivos como vice, o Vasco da Gama finalmente conquistou um título de campeão de futebol no Rio de Janeiro. Em jogo muito tenso e disputado, derrotou o Flamengo por 1 a 0 no Maracanã, com um gol de Marquinhos. Este jogo encerrou a super-final do campeonato carioca.



Os vascaínos comemoram a merecida vitória no campeonato carioca

Os comentários da crônica esportiva e do público em geral foram unânimes em considerar justa a vitória do Vasco, que poderia até ter vencido por mais. A equipe cruzmaltina levou mais perigo ao gol rubro-negro, perdendo inúmeros gols feitos, colocando duas bolas na trave.

O time do Flamengo, base da seleção brasileira, foi vítima da mesma política do "já ganhou" que prejudicou o esporte nacional na Espanha. Reunindo inegavelmente os melhores jogadores do Rio de Janeiro e do Brasil, a equipe rubro-negra entrou em campo menosprezando o adversário e exagerando na "mascaradagem". O time jogava com tanta lentidão e floreios, que muitos torcedores flamenguistas perguntavam se ele não estava sendo orientado pelo computador da Proconcult, que apura o resultado das eleições no Rio.

No final, o triunfo vascaíno foi mérito do coração, garra, e espírito de luta do seu time, que partiu para cima do Flamengo como leão ferido. Merece destaque a ousadia do técnico Antônio Lopes que, num lance arriscado, substituiu metade da equipe do Vasco (cinco titulares) no início da finalíssima, para dar maior combatividade ao time. E o Vasco surgiu assim como uma equipe jovem e aguerrida, que pôde vir a quebrar a rotina e hegemonia flamenguista no futebol carioca.

SINAIS DE CRISE

Mas por trás da euforia e do carnaval dos vascaínos, são evidentes os sinais de crise do futebol do Rio, que espelha uma realidade nacional. Toda a estrutura dos campeonatos atuais segue a lógica do maior lucro, e não a de premiar o melhor time. Os cartolas elabo-

ram complicados sistemas de cálculo para garantir finais com casa cheia e renda milionária. E os próprios campeonatos se tornam autênticas maratonas extremamente cansativas e desgastantes.

A consequência disso tudo é exatamente o descrédito do esporte com o afastamento do torcedor, que sente o cheiro da "marmelada". Nesta final do Rio, por exemplo, o público ficou bem abaixo das espetativas. Nos dois jogos iniciais com o América (que perdeu para o Flamengo e para o Vasco), não passou da casa dos 50 mil. E mesmo na finalíssima Vasco-Flamengo, o gigantesco público de 113 mil ainda fica bem abaixo das possibilidades das duas maiores torcidas do Rio. Muitos torcedores ficaram em casa, certos de que o clássico terminaria em empate, para viabilizar um jogo extra no domingo seguinte. (Luís Fernandes)

Aproveite seu 13.º!

Amigo leitor, você receberá nestes dias o 13º salário. Todos nós sabemos que mal dá para as necessidades imediatas da vida. Mas mesmo assim talvez seja possível reservar uma parcela para dar o seu apoio precioso à imprensa operária. Dê uma assinatura da **Tribuna Operária**

ou uma publicação da Editora Anita Garibaldi de presente. Ou compre uma para você mesmo. A imprensa operária conta com o seu apoio. E colaborando para fortalecer a, você estará colaborando com a própria luta do povo brasileiro por sua libertação!

Relatório ao 8º Congresso do PTA (E. Hoxha) . . . \$ 500,00  
 O Imperialismo e a Revolução (E. Hoxha) . . . Cr\$ 400,00  
 O revisionismo chinês de Mao Tsetung (João Amazonas) . . . Cr\$ 600,00  
 Pela Liberdade e Pela Democracia Popular (J. Amazonas) . . . Cr\$ 300,00  
 A Educação Revolucionária do Comunista (D. Arruda) . . . Cr\$ 400,00

Fundação Maurício Grabois  
 Rua Jurubatuba, 1716, sala 9, 1º andar - São Bernardo do Campo - CEP 09700.

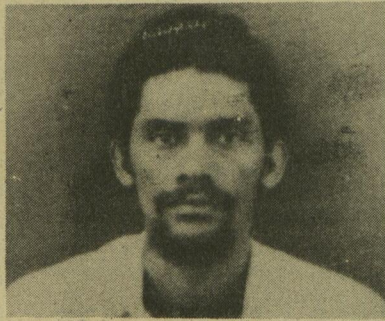
A **Tribuna Operária** é um indispensável instrumento de luta para todos aqueles interessados no fim da ditadura em nosso país. É o jornal dos trabalhadores, em especial da classe operária, porque se coloca à frente da luta pelo socialismo. Por isso, a **Tribuna Operária** deve ser lida e decididamente apoiada por todos os que desejam a democracia." (Gil Freire Barbosa, ex-presidente da Associação Nacional dos Médicos Residentes)

Ajude a imprensa operária a crescer

Desejo receber em casa a **Tribuna**. Envio anexo cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda, Travessa Brigadeiro Luis Antonio, 53 - Bela Vista - São Paulo, SP - CEP 01318.

Anual de apoio (52 eds.) — Cr\$ 5.000,00  
 Semestral de apoio (26 eds.) — Cr\$ 2.500,00  
 Anual comum (52 eds.) — Cr\$ 2.500,00  
 Semestral comum (26 eds.) — Cr\$ 1.250,00

Nome: .....  
 Endereço: .....  
 Bairro: .....  
 Cidade: ..... Estado: .....  
 CEP: ..... Telefone: .....  
 Data: ..... Profissão: .....





# A ordem do FMI: arrochar salários

**Alerta no mundo das finanças. O Brasil ainda não conseguiu fechar o balanço de suas contas com o exterior para 1982. Desmascarada a mentira dos Ministros. As reservas internacionais do país caíram ao nível do salve-se quem puder. Enquanto a missão do FMI pressiona os ministros para alterar a lei salarial. Querem mais arrocho!**

O clima de indecisão e pânico vai tomando a economia. Ainda não se concretizaram as negociações com o FMI, e já se fala na necessidade inadiável de conseguir mais 4 bilhões de dólares de empréstimos de bancos particulares em janeiro. Os fatos já são piores que os boatos. O Brasil está quebrando. Em apenas um mês as ações da Petróbrás tiveram uma queda de 24%, demonstrando a gravidade da crise.

As imposições do FMI representam um ultimato humilhante e levarão a um colapso econômico. Podem ser sintetizadas numa só orientação: o déficit em conta corrente não poderá passar de 6,9 bilhões em 1983. Isso quer dizer que, na hora que o Brasil for fechar suas contas, só poderá ficar devendo 6,9 bilhões. Acontece que só em 1982, ao fechar as contas externas, ficamos devendo 14 bilhões.

## Imposições que humilham os brasileiros

Na soma do balanço com o exterior entram, como em todo balanço, receitas e despesas. O Brasil, como todo país subdesenvolvido, está cheio de despesas e tem poucas receitas. Aliás a receita de maior peso é o dinheiro que entra com as exportações. O resto são despesas, importações, pagamento dos juros da dívida externa e das prestações, pagamento de fretes, serviços e outros.

Em plena recessão mundial, com o mercado internacional sofrendo quedas de 5 a 10% pelo segundo ano consecuti-



Foto Carlos Nambu

vo, não dá para ter grandes esperanças no aumento das exportações. Mas o FMI está exigindo que o superávit no comércio exterior seja de 6 bilhões de dólares. E para se chegar mesmo perto deste desempenho, só há um jeito: corte violento nas importações e força total nas exportações.

Ora, um corte assim nas importações, para o trabalhador, é sinônimo de desemprego em massa. E um esforço exportador desta ordem significa arrocho salarial — um arrocho nunca visto no país (veja o box ao lado). Mister Struckmayer e seus colegas da delegação do FMI querem que sejamos grandes exportadores, não de café, ferro, mas de mão-de-obra barata. Daí o jogo duro do FMI no capítulo da política salarial.

(Luiz Gonzaga)



À frente da delegação do FMI em nosso país, mister Struckmayer, que há mais de um ano defende o achatamento dos salários dos brasileiros; acima, cena da onda de greves de 1978-79, que conquistou o reajuste semestral.

## As três duras fases da política salarial

De 1964 até hoje, podem ser detectadas três fases de arrocho aos trabalhadores, impostas pela política do governo militar. Nas três fases o ponto comum é a defesa intransigente, por parte do governo, dos interesses das multinacionais e dos monopólios nativos.

**1 A classe operária, a principal vítima.** A primeira fase do arrocho foi aplicada a ferro e fogo. Milhares de dirigentes sindicais foram cassados, a polícia rondava as portas das fábricas. Os resultados foram drásticos. Em 1960, a parte dos lucros, na soma de lucros mais salários, era de 57%. Em 1974 essa porcentagem saltou para 72%! Em apenas cinco anos, entre 1970 e 1974, os operários não qualificados da indústria de transformação sofreram uma perda de 20% de seu poder aquisitivo.

No entanto, os salários médios e altos escaparam a esse arrocho. Técnicos e operários qualificados

(fresadores, químicos, chefes intermediários, por exemplo) conseguiram ter, nesse período, um aumento real de 15% no seu poder aquisitivo. Como, nesse período, a indústria teve taxas de crescimento de até 30% ao ano, em alguns casos, as leis de mercado levaram à valorização da força de trabalho de técnicos e profissionais especializados.

**2 Arrocho também para os salários médios e altos.** Naturalmente, os operários não aceitaram docilmente a política de arrocho que lhes foi imposta pelos militares no poder. Reagiram, e as greves de 1978 e 1979 são exemplos vibrantes da luta operária contra a exploração. Os monopolistas, representados pelo governo militar, tiveram que remanejar suas práticas, para continuar sugando altos lucros dos trabalhadores brasileiros. Graças à pressão dos trabalhadores criou-se uma nova lei salarial, a do

reajuste semestral. Mas a nova legislação representou, na verdade, uma segunda fase do arrocho salarial. Desta vez, as camadas baixas não receberiam toda a carga. Os setores com mais de 10 salários mínimos teriam reajustes menores, para compensar os 10% acima do INPC, que ficavam para a faixa de um a três salários mínimos.

A recessão de 1981 agravou o quadro. Os setores não qualificados foram duramente atingidos pelo desemprego e pela sua forma perversa, na rotatividade. E o mercado de trabalho das camadas médias também foi duramente atingido, pois numa economia parada já não há procura de profissionais e técnicos. Um estudo do próprio Ministério do Trabalho admite que, nos últimos três anos, a massa total de salários no Brasil teve uma queda real de 10%. A folha de pagamento das empresas está diminuindo, prova irrefutável de que o arrocho continua.

**3 Quem manda é o FMI.** Esta fase, a pior de todas, deverá começar em 83. O arrocho contra os assalariados de baixa e média renda será ainda mais intenso, para atender aos ditames do FMI. Comenta-se que o "índice de produtividade", negociado entre trabalhadores e patrões, será cortado ou até retirado. Outra alternativa, comentada entre as classes dominantes, é o fim dos reajustes semestrais ou, ainda, dos 10% acima do INPC. Quaisquer dessas soluções serão agravadas pela recessão. As camadas de salários mais baixos, terão sua penúria agravada, pois além do desemprego e rotatividade, enfrentarão uma lei de "austeridade". O reflexo social é fácil de se prever. Os trabalhadores reagirão contra esse brutal arrocho. Os assalariados de baixa e média rendas estarão unidos contra a política de fome e repressão. E agora contam com a experiência da luta acumulada.

## Greve Geral paralisa a Argentina

A greve geral argentina da última segunda-feira transformou-se num gigantesco e imponente plebiscito de repúdio ao regime militar. Foi a maior da história do país. E repercutiu tanto que o governo brasileiro até cancelou a visita do chefe do governo argentino, general Bignone, prevista para o dia 20, com medo que ele não sobreviva no cargo até lá.

A greve foi convocada unitariamente pelas duas Confederações Gerais dos Trabalhadores (a CGT-Brasil e a CGT-Azopardo) e a adesão foi espetacular. Nenhum sistema de transporte funcionou. As fábricas ficaram fechadas. O comércio e os jornais não abriram. Até as casas de espetáculos suspenderam suas atividades. A maioria dos jornais não circulou. E até a Casa Rosada, sede do governo, ficou sem muitos funcionários. Segundo a CGT, 97% das atividades do país foram paralisadas. O próprio Ministério do Trabalho reconheceu que cerca de 6 milhões de pessoas aderiram ao movimento grevista.

### NEM OS CACHORROS

"Nem os cachorros saíram às ruas, comentou um dirigente sindical. Até os pequenos proprietários, que poderiam acionar o seu comércio mesmo sem empregados, aderiram à greve, dando uma demonstração da amplitude



do sentimento de insatisfação e de revolta da sociedade.

O prejuízo com a jornada pode ser estimado em mais de 300 milhões de dólares, que é a arrecadação do Produto Interno Bruto (PIB) em um dia, segundo dados divulgados em 1971.

A greve foi uma explosão do descontentamento nacional mais poderosa e mais contundente do que qualquer pleito eleitoral. Traduziu a condenação unânime do povo trabalhador ao regime militar.

Esta batalha mostrou também à classe operária, não só

da Argentina mas de todo o mundo, o poder irresistível da sua união. Como afirma a CGT em um documento oficial, "só resta uma saída ao governo, ir-se embora".

### NOVOS CONFRONTOS

O povo argentino não pretende esperar de braços cruzados que os generais reconheçam seu próprio fracasso. Ao ser rodado este jornal, as mães da Praça de Mayo realizarão uma passeata de 24 horas exigindo um esclarecimento do governo sobre o paradeiro dos desaparecidos políticos — como se recorda, recentemente foram encon-

trados mais de 1.500 corpos não identificados, em dez cemitérios argentinos. Na próxima quinta-feira está programada uma "marcha pela liberdade", quando os 5 maiores partidos de oposição no país prometem reunir mais de 200 mil pessoas numa manifestação gigantesca, saindo do prédio do Congresso até a Casa Rosada.

Depois da grandiosa greve do dia 6, qualquer um desses outros protestos assume a perspectiva de um confronto aberto com o regime militar. A ditadura argentina desagra-se a olhos vistos. A decomposição chegou a tal

ponto que já começa a paralisar o seu principal pilar de sustentação — as Forças Armadas.

Além das costumeiras articulações golpistas — que não tiveram nenhuma consequência até agora devido a total desmoralização dos militares — o germe da sublevação começa a penetrar nos quartéis. Soldados e policiais percebem que estão fadadas ao fracasso todas as tentativas de sufocar o movimento popular. E para defenderem os seus próprios interesses, aos poucos tomam consciência de que é preciso mudar.

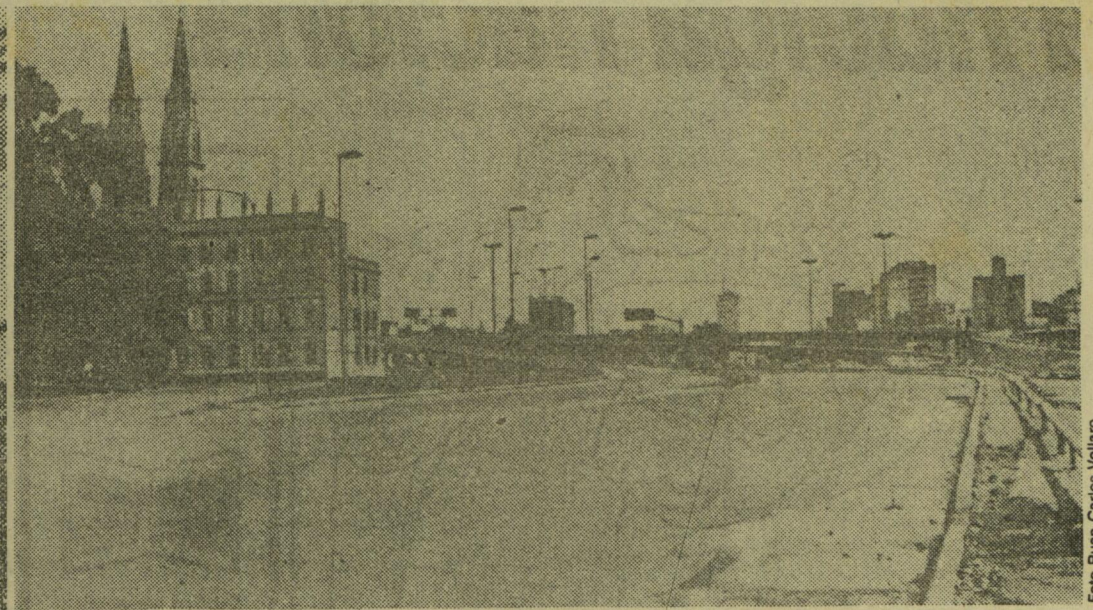


Foto Ruan Carlos Vilaro

Acima, a autopista 25 de Maio, inteiramente vazia e ao lado a estação de ônibus da Constituição, com a presença solitária de um gato. A greve paralisou todas as atividades em Buenos Aires.

## A revolução amadurece

Os generais argentinos estão perdendo o controle dentro das suas próprias fortalezas. Até mesmo os policiais, que há pouco tempo reprimiram com violência uma manifestação contra o aumento dos impostos nas cidades da Grande Buenos Aires, entraram agora no movimento de auto-aquartelamento e permanecem nas suas delegacias.

Inúmeras passeatas de policiais já foram realizadas, exigindo aumento de salários. Alarmado, o regime dos generais atendeu às reivindicações, mas não evitou que a rebelião continue se espalhando.

A Argentina caminha para uma situação de confronto revolucionário. É interessante observar a despesa das Malvinas

para evitar que isto aconteça. De nada adiantou ao governo a malfadada aventura militar das Malvinas. Tampouco deu frutos o apoio dado ao regime pelos setores conciliadores da oposição. Por cima da vontade de uns e de outros, as condições objetivas apontam para um processo de radicalização política, para um confronto aberto entre o regime militar e o povo argentino.

A grande dificuldade das forças populares é a falta de uma direção consequente e experimentada para dirigir a sua luta. Mas de uma forma ou de outra os dias do general Bignone estão contados. E desta vez vai ser difícil arrumar outro general para botar a mão na massa.

CDH  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois